

The background is a light green watercolor wash with darker green foliage elements. There are clusters of small, rounded green leaves in the top-left and bottom-right corners, and a larger, more detailed cluster of similar leaves at the bottom center. The overall style is soft and artistic.

Paisagens em Movimento:
viagens entre Paracatu e Uberlândia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
ARTES VISUAIS

MIRIÃ VÂNIA ANDRADE LEMOS

PAISAGENS EM MOVIMENTO:
Viagens entre Paracatu e Uberlândia

UBERLÂNDIA
2020

MIRIÃ VÂNIA ANDRADE LEMOS

PAISAGENS EM MOVIMENTO:
Viagens entre Paracatu e Uberlândia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia - Campus Santa Mônica - como parte dos requisitos necessários para obtenção da graduação em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Macedo Brandão.

UBERLÂNDIA
2020

MIRIÃ VÂNIA ANDRADE LEMOS

PAISAGENS EM MOVIMENTO:
Viagens entre Paracatu e Uberlândia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia - Campus Santa Mônica - como parte dos requisitos necessários para obtenção da graduação em Artes Visuais.

Área de concentração: Artes.

Uberlândia, Novembro de 2020.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Fabio Fonseca, UFU/MG.

Prof.^a Dr.^a Roberta Maira de Melo, UFU/MG.

Prof. Dr. Ronaldo Macedo Brandão, UFU/MG.

Dedico esse trabalho à memória de minha vovó Diosa (1947-2016) que não pôde me ver concluir essa etapa, mas sempre será uma inspiração em minha vida, pela sua fé, coragem e determinação. Saudades eternas!

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo agradeço a Deus pela vida e pelo amparo. Por cada esperança semeada em meu coração nos dias difíceis. Sem Ele nada teria acontecido.

Aos meus pais Evanilson e Neuzelina que tanto amo, pelo apoio incondicional, pelo financiamento da minha estadia durante a graduação. Pela paciência, pelo cuidado, pelo amor sempre estampado, e por estarem tão presentes em minha vida, mesmo a alguns quilômetros de distância. Aos meus irmãos Jabes e Gisele pela cumplicidade que compartilhamos. Jabes, obrigada pela assistência, preocupação e incentivo. Gi, obrigada por ter sido minha âncora e minha metade em Uberlândia. Amo vocês! Aos meus familiares (tios, tias, primos, primas e avô) que foram essenciais para a minha permanência aqui, sendo um grande pilar afetivo e emocional. À minha prima-irmã Débora, pelo companheirismo e pela disposição em ajudar sempre que precisei.

À Universidade Federal de Uberlândia que proporciona o ensino público, gratuito e de qualidade. À equipe do Instituto de Artes, a todo o corpo docente e técnico do curso de Artes Visuais pelo empenho. A todos os meus professores que foram fundamentais na minha formação acadêmica. Em especial, ao meu orientador Prof. Dr. Ronaldo Macedo Brandão, por quem tenho grande admiração pelo seu excelente trabalho. Agradeço imensamente por ter aceitado me orientar, pela compreensão e paciência em meio aos meus dilemas, pela amizade e pela sabedoria ao me acompanhar durante todo o trajeto.

Ao Prof. Dr. Fábio Fonseca e à Prof.^a Dr.^a Roberta Maira de Melo. Ambos membros da banca que aceitaram o convite para compor a mesa, muito obrigada pela colaboração, pelos acréscimos e pela ampliação do olhar em meu trabalho.

Aos meus amigos que puderam viver comigo momentos de aventuras, risos, choros, dramas etc. Agradeço a Deus pela oportunidade de encontrar vocês nesse universo, e por vocês terem me encontrado. Saibam que levo comigo um pedaço de cada um: Micellyna, Raul, Amanda, Natália, Érik, Vanessa, Victor, Elias, Japa, Brenda, vocês deixaram muitos dos meus dias e dos meus almoços mais felizes! A todo o pessoal da ABU, em especial, Gigio Barbon e Gaby Gil, obrigada pela troca e por tanto aprendizado! À minha companheira de estágio Paty e às professoras Clarice e Enilce (que me orientaram como bolsista e estagiária respectivamente) pelos aprendizados e pela amizade. Às minhas amigas conterrâneas: Dannielle,

Débora Priscila, Karol, Emilly e Elizabeth, que mesmo em meio à distância continuaram a nutrir nossa amizade através de mensagens, ligações e encontros.

A todas as pessoas que tive a oportunidade de dividir moradia, com quem aprendi muito sobre a vida, costumes e culturas diversas. Aos meus colegas de curso que trilharam este caminho comigo, gratidão.

RESUMO

Este trabalho apresenta o meu processo de criação tendo como inspiração as viagens entre Paracatu e Uberlândia. Cada deslocamento entre as duas cidades é uma experiência única, pois, as paisagens, que são contempladas durante os trajetos, compreendem características singulares que dependem de fatores como: a estação do ano, o horário e as interferências humanas. A partir do entendimento de como surgiram as viagens na vida humana e de como essa atividade está presente na vida dos artistas são elaboradas imagens inspiradas nesse trajeto, por meio da fotografia, do desenho e da aquarela, linguagens distintas, que, dentro de minha proposta de pesquisa, se complementam.

Palavras-chave: viagens, deslocamento, paisagens.

ABSTRACT

This work presents my creation process inspired by trips between Paracatu and Uberlândia. Each displacement between the two cities is a unique experience, because the landscapes, which are contemplated during the journeys, comprise unique characteristics that depend on factors such as: the season, the time and human interferences. From the understanding of how trips in human life take place and how this activity is present in artists lives, images inspired by this path are elaborated, through photography, drawing and watercolor, different languages, which, in my research proposal, complement each other.

Keywords: trips, displacement, landscapes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Johann Moritz Rugendas, Serra Ouro Branco	17
Figura 2 - Johann Moritz Rugendas, Cidade Imperial de Ouro Preto, 1824, aquarela e tinta.	17
Figura 3 - Frans Post, Paisagem com rio e floresta, séc. XVII, óleo sobre tela,	18
Figura 4 - Mapa da estrada entre Paracatu e Uberlândia – MG.....	19
Figura 5 - Sem título, 2018. Fotografia de celular.	23
Figura 6 - Sem título, 2019. Fotografia de celular (4 fotografias).	23
Figura 7 - Sem título, 2019. Fotografia de câmera.	24
Figura 8 - Sem título, 2019. Fotografia de câmera.	24
Figura 9 - Chegada, 2019. Fotografia de câmera (3 fotografias).....	24
Figura 10 - Objeto de uso na ação Sardinha in trânsito	26
Figura 11 - Beatriz Rauscher, BR50 Sul, 2001-2013, 3 fotografias – impressão em metacrilato, 57 x 37,8cm.	27
Figura 12 - Sem título, 2018, frame de vídeo (6 imagens).	28
Figura 13 - Beatriz Rauscher, One way trip, 2009-2017,	29
Figura 14 - Fronteiras de Belfast, 2015.	30
Figura 15 - leva Ozola, Aquarela em <i>Sketchbook</i>	31
Figura 16 - leva Ozola, Aquarela em <i>Sketchbook</i>	31
Figura 17 - Imagem postada no perfil do Instagram de Veronika Kalacheva.	33
Figura 18 - Imagem postada no perfil do Instagram de Renato Palmuti.	33
Figura 19 - Imagem postada no perfil do Instagram de Anna Pole (1).	34
Figura 20 - Imagem postada no perfil do Instagram de Anna Pole (2).	34
Figura 21 Imagem postada no perfil do Instagram de Gonzalo Cárcamo.	35
Figura 22 - Imagem postada no Instagram de Agnes Cecile.	36
Figura 23 - Imagem postada no Instagram de Agnes Cecile.	36
Figura 24 - Registros dentro do carro, 2019.....	38
Figura 25 - Rabiscos dentro do carro, 2019.	39
Figura 26 - Nota de celular, 2019, <i>print</i> de tela.	40
Figura 27 - Sem título, 2019, aguada e nanquim sobre papel, 10,3 x 15,2cm.	41
Figura 28 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 19 X 12,8cm.	41
Figura 29 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.....	42
Figura 30 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.....	42

Figura 31 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.....	43
Figura 32 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.....	43
Figura 33 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.....	44
Figura 34 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.....	44
Figura 35 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.....	45
Figura 36 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.....	45
Figura 37 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.....	46
Figura 38 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.....	46
Figura 39 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.....	47
Figura 40 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.....	47
Figura 41 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.....	48
Figura 42 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	49
Figura 43 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	49
Figura 44 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	50
Figura 45 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	50
Figura 46 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	51
Figura 47 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	51
Figura 48 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	52
Figura 49 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	53
Figura 50 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	53
Figura 51 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	54
Figura 52 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	54
Figura 53 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	55
Figura 54 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	55
Figura 55 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	56
Figura 56 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	56
Figura 57 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	57
Figura 58 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	57
Figura 59 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	58
Figura 60 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	58
Figura 61 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	59
Figura 62 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.	59
Figura 63 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 27,8 X 39,7cm.....	60
Figura 64 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 62,9 X 45,9cm.	61

Figura 65 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 27,8 X 39,7cm.....	62
Figura 66 - Título da exposição, 2019, impressão em papel adesivo, 42x29,7cm.	63
Figura 67 - Exposição "Paisagens em Movimento", 2019, Laboratório Galeria (UFU).	64
Figura 68 - Panorâmica da galeria expositiva, 2019, Laboratório Galeria (UFU).	64
Figura 69 - Exposição "Paisagens em Movimento", 2019, Laboratório Galeria (UFU).	64
Figura 70 - Exposição "Paisagens em Movimento", 2019, Laboratório Galeria (UFU).	65
Figura 71 - Série "Pela janela do carro", 2019, aquarela e nanquim sobre papel.	65
Figura 72 - Série "Vestígios", 2019, aquarela sobre papel.....	66
Figura 73 - Série "Viagem pelo céu", 2019, aquarela sobre papel.....	66
Figura 74 - Série "Setembro", 2019, aquarela e nanquim sobre papel.	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1. VIAGEM	13
1.1 A viagem como prática humana	13
1.2 Viajantes do Brasil	15
1.3 Entre Paracatu e Uberlândia/Uberlândia e Paracatu	18
1.4 Transformações do olhar	20
1.5 Paisagens das viagens	22
CAPÍTULO 2 – AS VIAGENS DE OUTROS ARTISTAS	25
2.1 No ônibus – Mariza Barbosa	25
2.2 Paisagens em constantes mudanças - Beatriz Rauscher	26
2.3 Andando por fronteiras – Ronaldo Macedo Brandão	29
2.4 Desenhando viagens – leva Ozola	30
2.5 Viajando no Instagram	31
CAPÍTULO 3. AS MINHAS VIAGENS	36
3.1 Devaneios	36
3.2 Processos criativos	38
3.3 Exposição: Paisagens em Movimento	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	70

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões sobre viagens que foram realizadas entre Paracatu e Uberlândia, dois municípios do interior de Minas Gerais. Partindo do ponto de vista de uma estudante, que se desloca por vários anos durante a sua graduação, foram elaboradas imagens com o olhar voltado para as paisagens contempladas através da janela do carro. A estrada passa a ser sua companheira em muitos momentos de sua vida.

O primeiro capítulo irá abordar, de maneira breve, um traçado histórico sobre a presença das viagens e como surgiram na vida humana de modo geral e, posteriormente, no Brasil com a colonização. Será feito também uma introdução às viagens que inspiraram esta pesquisa, mostrando as paisagens que fazem parte do cenário bem como as transformações do modo de olhar a vida, que ocorreram ao longo dos anos, que em muito contribuiu para que este trabalho ganhasse forma.

O segundo capítulo apontará referências de trabalhos, dentro do campo das artes visuais, que de alguma forma dialogam com a temática associada a viagens. Também abordará a produção de artistas que acompanho no *Instagram* e de diversas formas se apresentam como fonte de pesquisa que contém um grande universo de referências imagéticas.

No terceiro capítulo será mostrada a minha produção de imagens, bem como o processo de criação que as envolveram. Posteriormente, será mostrado o resultado do processo expositivo de “Paisagens em Movimento”, título dado à mostra realizada ao final da pesquisa.

CAPÍTULO 1. VIAGEM

1.1 A viagem como prática humana

A prática da viagem¹ está presente na vida da humanidade desde muito tempo e por vários motivos. Antes de se tornar sedentário e se fixar em locais para estabelecer sua vida, podemos dizer que o homem era essencialmente um ser viajante, ainda que o fosse por questões de sobrevivência: vivia andando, buscando recursos naturais, e locais estratégicos para suas atividades de caça e pesca. Segundo Barbosa, (2002, p.11):

as viagens sempre acompanharam o ser humano como se fossem um movimento físico e de ideias. Elas aparecem na história representando uma das mais remotas atividades humanas.

Os registros da existência dessa prática são muito antigos. Segundo Barbosa (2002), os seres humanos do período Paleolítico (aproximadamente 35.000 anos a.C.) eram nômades e, a partir do período Neolítico, foram se tornando sedentários à medida que foram aprendendo sobre o cultivo da terra e a criação de animais.

Após a descoberta da agricultura, a vida no campo e o desenvolvimento do próprio sustento possibilitou a fixação do homem em um só lugar onde construiria ferramentas de melhorias para a sua sobrevivência.

Há 10 mil anos iniciou-se a atividade agrícola, que se espalhou pelo mundo. A agricultura possibilitou a vida sedentária, o aumento populacional e o cultivo de alimentos que sustentavam um grupo durante todo o ano (INFOESCOLA, 2019).

Com o surgimento da agricultura passou a ter o excedente de produção, o qual era usado para o escambo. Além disso, na Idade do Ferro, com a necessidade da criação de ferramentas e armas para o uso na vida comum da sociedade, foi se tornando cada vez mais necessário uma forma de comércio. Barbosa (2002, p.13) afirma que,

quando a sociedade necessitava de metais para a criação de armas e utensílios, sacrificava sua auto-suficiência e se via obrigada a depender do comércio (intercâmbio de utensílios) para suas necessidades. Nasceram as primeiras correntes comerciais da história, as quais comportavam uma viagem (no sentido de andar por; percorrer); o metal resultou ser o motor do comércio, por meio do qual, além de se conseguir outros metais e de se

¹ Segundo o dicionário Priberam, o termo *viagem* possui dentre outros, os seguintes significados:
a. O ato de transportar-se de um ponto a outro distante; b. [Marinha] Navegação, travessia;
c. Percurso efetuado.

intercambiar utensílios, transmitiam-se inventos e novas ideias de um povo para outro.

O comércio foi se desenvolvendo ao longo do tempo, primeiramente através dos escambos e posteriormente com o surgimento da moeda.

Na Idade Antiga, a invenção da moeda pelos sumérios (Babilônia) e o desenvolvimento do comércio por volta de 4.000 a.C., marcam provavelmente o início da era moderna das viagens. Os sumérios abraçaram primeiro o dinheiro e o utilizaram em transações comerciais. (Inventaram ainda a escrita e a roda, e são considerados por alguns como os criadores das viagens) (BARBOSA, 2002, p.14).

O desenvolvimento do comércio, além do desejo de se aventurar por terras desconhecidas, foi um grande impulsionador das grandes navegações entre os séculos XV e XVII. Dessa forma muitas viagens passaram a ser realizadas com interesses comerciais, religiosos e disputa de poder. Os viajantes percorriam o mundo para conhecer outras terras a fim de expandir seus domínios e também para buscar novas rotas comerciais.

No século XV, os países europeus que quisessem comprar especiarias (pimenta, açafrão, gengibre, canela e outros temperos), tinham que recorrer aos comerciantes de Veneza ou Gênova, que possuíam o monopólio destes produtos. Com acesso aos mercados orientais - Índia era o principal - os burgueses italianos cobravam preços exorbitantes pelas especiarias do oriente. O canal de comunicação e transporte de mercadorias vindas do oriente era o Mar Mediterrâneo, dominado pelos italianos. Encontrar um novo caminho para as Índias era uma tarefa difícil, porém muito desejada. Portugal e Espanha desejavam muito ter acesso direto às fontes orientais, para poderem também lucrar com este interessante comércio. Um outro fator importante, que estimulou as navegações nesta época, era a necessidade dos europeus de conquistarem novas terras. Eles queriam isso para poder obter matérias-primas, metais preciosos e produtos não encontrados na Europa. Até mesmo a Igreja Católica estava interessada neste empreendimento, pois, significaria novos fiéis. Os reis também estavam interessados, tanto que financiaram grande parte dos empreendimentos marítimos, pois com o aumento do comércio, poderiam também aumentar a arrecadação de impostos para os seus reinos. Mais dinheiro significaria mais poder para os reis absolutistas da época (SOHISTÓRIA, 2019).

Pelos diversos períodos históricos como foi brevemente abordado acima, a viagem modifica os seus objetivos, seus meios de realização, mas nunca deixa de existir. Podemos perceber que a prática das viagens se consolida como uma atividade inerente aos seres humanos.

A viagem está muito relacionada ao desenvolvimento da sociedade, pois é a partir deste que se obtém a estrutura necessária para a sua realização. Por exemplo, durante o nomadismo a prática da viagem existia puramente por sobrevivência (alimentação), ao passo que depois que o homem tornou-se

sedentário, tudo foi se modernizando e permitindo que as viagens alcançassem outros objetivos. O desenvolvimento do comércio e da moeda foi fundamental nesse processo, assim como a invenção dos meios de locomoção. Aos poucos foram surgindo na sociedade outras necessidades – como o aumento de rotas comerciais para o enriquecimento – que fizeram com que as viagens se tornassem essenciais, até ganhar notoriedade como uma atividade cultural, quando o turismo é consolidado.

1.2 Viajantes do Brasil

Como vimos no tópico anterior, entre os séculos XV e XVII iniciam-se as grandes navegações, viagens que começaram a ser realizadas principalmente com objetivos de expansão territorial e busca de novas rotas comerciais. Dentre essas viagens, Portugal atraca seu navio nas terras brasileiras e inicia um processo para torna-las colônia de seu país.

Com a colonização do Brasil pelos portugueses (em 1.500 d.C.), inicialmente as terras foram acobertadas pela coroa portuguesa, para proteger e impedir que outros povos se interessassem pela nova colônia e usufríssem de suas riquezas. Porém, com a abertura dos portos às nações amigas (em 1.808 d.C.), muitos viajantes de outras nações se aventuraram a conhecer a terra recém-descoberta.

Na primeira metade do século XIX, a partir do traslado da família Real Portuguesa e da abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional, intensificou-se o afluxo de viajantes europeus, atraídos pelo imenso território desconhecido. Só então o país adquiriu visibilidade, depois de permanecer por três séculos um segredo dos portugueses, em nome da defesa das riquezas naturais, da Colônia. Embarcações mercantes e missões de volta ao mundo, que anteriormente alcançaram a costa da América Portuguesa, pouco apuraram sobre o grande território, que permaneceria alvo de projeções e expectativas, tantas vezes figuradas em relatos e imagens de viajantes, desde o encontro do Novo Mundo. Os viajantes que chegaram ao Brasil nas primeiras décadas do século XIX poderiam conferir imagens e opiniões, que circularam pela Europa e lhes contrapor fatos da experiência (BELLUZZO, 2009, p.3).

Os motivos das viagens pelas terras brasileiras eram os mais diversos: muitos vinham a serviço, outros com interesses comerciais, e alguns vinham apenas com o desejo de conhecer outros lugares, e outras culturas, por fins educativos. Segundo Belluzzo (2009, p.5):

[...] Viajar, ver e desenhar eram componentes importantes da educação da elite inglesa. Rabiscar croquis em álbuns, anotar impressões em aquarelas favoreciam a fama dos oficiais bem nascidos. Faço referência à especial

educação do olhar e à habilidade das mãos. E pergunto como eles estavam aptos a abrir os olhos diante de um país desconhecido.

A respeito da variedade dos interesses dos viajantes, Mindlin (1991, p. 1) também afirma:

Quanto aos estrangeiros, há muita variedade: alguns vieram ao Brasil por curiosidade, ou a negócio, descrevendo depois, em seus países de origem, o que encontraram de notável ou de exótico; há os que aqui viveram períodos mais ou menos longos - são viajantes, ou não? Há os cientistas, os piratas, os aventureiros, os artistas, os missionários, os políticos, os militares, os que apenas passaram pelo Brasil, a caminho do Oriente ou da África.

Dentre tantos viajantes que passaram por essas terras, muitos artistas produziram imagens e textos com suas impressões a respeito daqui. As paisagens eram muitas vezes feitas a partir de ideais estéticos europeus.

Os nobres modos ingleses elogiaram as belezas da paisagem natural do Brasil, invocando modelos alheios idealizados, tal como o da poesia pastoral de Roma, concretamente aquela cujo arquétipo eram as *Églogas* de Virgílio. No início do século XIX, a paisagem brasileira foi filtrada por ideais arcádicos, ora utópicos ora melancólicos (BELLUZZO, 2009, p.7).

Os padrões estéticos que seguiam para realizar as pinturas advinham do pitoresco, os artistas buscavam paisagens que fossem ideais para ser pintadas.

Conforme o gosto pitoresco, o olhar buscava as relações que revelassem a natureza digna de ser apreciada ou desenhada, segundo padrões poéticos arcádicos. O observador escolhia ângulos privilegiados para registrá-la sob valores consagrados pela pintura e pela poesia. A tradição pictórica ditava normas à natureza e só algumas combinações notáveis da natureza chegavam a constituir material adequado a arte (BELLUZZO, 2009, p.6).

As paisagens eram, portanto construídas segundo o olhar de quem as via. A esse respeito, Belluzzo (2009, p. 4) afirma, que “de modo geral não resta dúvida que a paisagem pertence aos sentidos. Ela é construída por alguém que a observa e que a traduz”.

Dentre tantos os artistas que por aqui passaram, destaco Johann Moritz Rugendas, um excêntrico pintor, desenhista e gravador que esteve no Brasil durante os anos 1821/24 e posteriormente no ano 1845. Fez vários registros de costumes, paisagens, da fauna e flora brasileira (ITAÚ CULTURAL, 2020). Sua obra “Serra Ouro Branco na Província de Minas Gerais” me faz lembrar as paisagens das minhas viagens, cujas estradas que as cortam são cercadas de vegetações ora abertas ora fechadas, com formas montanhosas no fundo.



Figura 1 - Johann Moritz Rugendas, Serra Ouro Branco na Província de Minas Gerais, 1835, litografia.

Fonte: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2661/serra-ouro-branco-na-provincia-de-minas-gerais>>. Acesso em: 30 de Mar. 2020.

Os tons rosados do céu remetem a um entardecer. Uma característica essencial desta obra é a representação de pessoas andando a cavalo e a pé, que certamente eram os meios de deslocamento que tinha disponível. Talvez fossem viajantes como eu, ali representados, em outra época, com outra configuração de tempo e espaço, o que nos leva a uma sensação de desaceleração.

A figura 2 abaixo, do mesmo artista, trata-se de uma paisagem da cidade mineira de Ouro Preto. As cores que o artista trabalha concentram-se em amarelos, verdes e terrosos. A vista de um alto de uma serra, possibilitou ao artista construir sua composição pelas montanhas que cercam a cidade. Ele utiliza as manchas aquareladas para compor as montanhas e constrói várias camadas em transparência que proporciona leveza ao seu trabalho.



Figura 2 - Johann Moritz Rugendas, Cidade Imperial de Ouro Preto, 1824, aquarela e tinta.

Fonte: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra5761/cidade-imperial-de-ouro-preto>>. Acesso em: 21 de Abr. 2020.

Outro artista que viajou pelas terras brasileiras durante o período de colonização, foi o holandês Frans Janszoon Post. Pintor, desenhista e gravador, ele esteve no Brasil entre 1637 e 1644 (ITAÚ CULTURAL, 2020), entre suas obras, está a “Paisagem com rio e floresta”, na qual ele faz a representação de um rio que perpassa montanhas, onde se encontram pessoas negras caminhando, provavelmente escravos trabalhando.



Figura 3 - Frans Post, Paisagem com rio e floresta, séc. XVII, óleo sobre tela, 63cm x 93cm, Fundação Maria Luisa e Oscar Americano (São Paulo, SP).

Fonte: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14451/paisagem-com-rio-e-floresta>>. Acesso em: 21 de Abr. 2020

Ambos os artistas que foram mostrados aqui e vários outros que vieram ao Brasil durante a colonização têm em suas viagens algo em comum: a objetividade das representações para servir de registro da colônia portuguesa, inclusive muitos deles publicaram suas imagens fora do Brasil depois de um tempo. As imagens mostram as paisagens, os costumes e as pessoas muito próximas ao que era de verdade, essas pinturas tem quase um caráter documental.

Tendo em vista o que foi apresentado acima, o mapeamento histórico das viagens e alguns artistas que produziram imagens durante a sua passagem pelo Brasil no período de colonização, será introduzido no próximo tópico, a viagem da qual este trabalho de fato se trata.

1.3 Entre Paracatu e Uberlândia/Uberlândia e Paracatu

A grande inspiração desse trabalho é o trajeto entre as cidades Paracatu e Uberlândia. Ambas se situam no interior do estado de Minas Gerais, Brasil, e

segundo o site *Google Maps* (figura 4), a distância entre elas, é de aproximadamente 337Km.

Existe mais de uma forma de realizar esse percurso, e fica a critério dos viajantes escolherem a melhor estrada de acordo com sua preferência. No entanto, esta pesquisa iniciou-se levando em conta o percurso que se faz da seguinte maneira: *Uberlândia – Romaria – Monte Carmelo – Abadia dos Dourados – Coromandel – Guarda-Mor – Paracatu*. Fazendo este roteiro, a viagem dura em média 4 horas e meia. Abaixo segue o mapeamento da estrada:

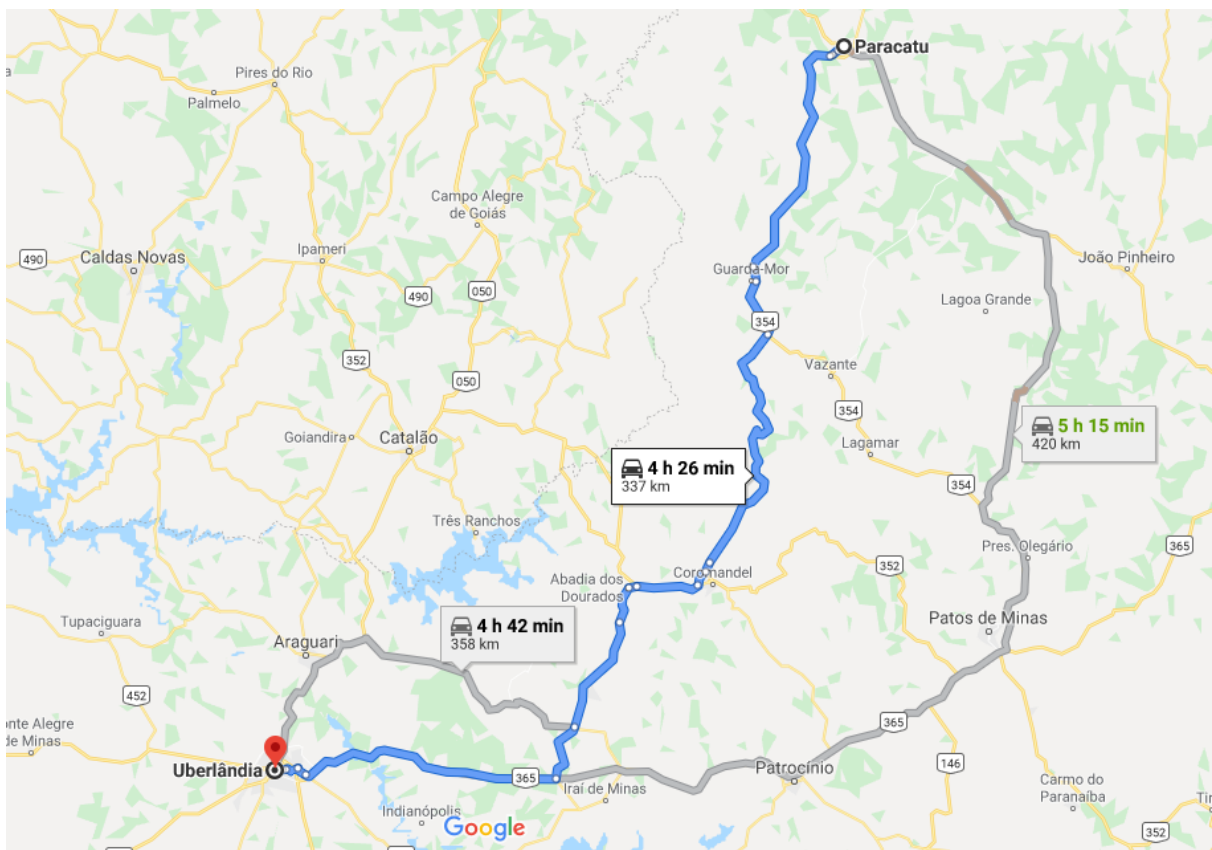


Figura 4 - Mapa da estrada entre Paracatu e Uberlândia – MG.

Fonte: Google Maps².

O trecho é feito passando apenas pelos trevos das cidades que estão no caminho, exceto a cidade Abadia dos Dourados, cuja rodovia corta a cidade inteira,

² Disponível em: <<https://www.google.com/maps/dir/Paracatu,+MG/Uberl%C3%A2ndia,+MG/@-18.1302724,-47.7574435,8.75z/data=!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x94a84a65adae8fcd:0x82271983683e0f18!2m2!1d-46.8723064!2d-17.2174562!1m5!1m1!1s0x94a4450c10bbbaef:0xae370c93616d5c9c!2m2!1d-48.275484!2d-18.9127534>> Acesso em: 22 de abril de 2020.

e passamos pelo centro da cidade onde é de costume dos viajantes fazer uma parada para tomar café/ir ao banheiro.

É importante situar quando as viagens tratadas nesta pesquisa se tornaram mais do que um simples trajeto para chegar a um lugar final e passaram a se tornar um lugar de inspiração. Este momento ocorre quando me deparei com as ansiedades da vida. Percebi que a preocupação em demasia com o futuro não ajudava em nada a solucionar os problemas. Pelo contrário, ela apenas fazia com que o presente fosse desperdiçado.

A partir dessa percepção, tudo o que eu precisava fazer era valorizar o agora. Tudo o que eu tinha, era o presente. Como as viagens entre Paracatu e Uberlândia eram frequentes, e tinham duração média de quatro horas e meia, eu precisava encontrar uma forma de não sofrer com a ansiedade de chegar em casa.

Então comecei a observar mais as paisagens e a estrada. A elaborar pensamentos que me tranquilizavam. E a escrever – nas anotações do celular ou em papéis – pequenos trechos que me inspiravam.

A viagem sai do lugar de espera e de sofrimento para se tornar um lugar de contemplação do instante. Instante este que possibilitava inúmeras experiências estéticas e sociais. O acaso, as pessoas, a janela do carro e a natureza eram tudo o que eu tinha.

1.4 Transformações do olhar

As viagens entre Paracatu e Uberlândia tornaram-se frequentes para mim a partir do ano de 2014, quando me mudo para a cidade de Uberlândia a fim de cursar a graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia. A minha família continuou morando em Paracatu (minha cidade natal) e, por isso, passei a fazer as viagens para reencontrá-los, geralmente, nas férias e feriados acadêmicos.

Desde então vivi momentos em que as viagens tiveram diferentes significados para mim. As primeiras vezes foram adaptativas e sentia uma mistura de sensações: medo, saudade, ansiedade. Mas depois, que fui me acostumando, as viagens eram indiferentes para mim. Apenas um meio de ir para casa.

Em outro tempo, no final do ano de 2016 e início do ano de 2017, se tornaram momentos de aflição novamente, devido a alguns problemas de saúde

potencializados pela ansiedade. Foi aí que senti a necessidade de criar formas de converter essas aflições durante as viagens em algo bom. Refletir sobre a vida e sobre a natureza que me acompanhava durante o trajeto foi uma boa opção.

Posso dizer que o meu olhar sofreu transformações, pois pude tornar-me alguém mais perceptiva e sensível a algo que me acontecia com frequência, que estava ali, e era apenas mais umas horas do meu dia se esvaindo, sem nenhum outro significado, senão o da espera.

O olhar se transforma com as vivências, com as modificações do mundo e com a forma com que experienciamos a vida. A estrada, a natureza, o clima se modificam. Trevos que não existiam passam a existir, plantações nascem, são colhidas, são plantadas novamente ou são substituídas por outras espécies. A viagem fica mais cara, o preço da gasolina sobe, pessoas deixam de viajar, outras começam a viajar com mais frequência, o mundo se transforma. Há tempos em que encontramos um caminho, em outros, somos compelidos a inventar o nosso próprio caminho por falta de opções.

E mesmo com todas as transformações, o que permanece vivo na memória é o dia em que encontramos com pessoas conhecidas, que fizemos novas amizades, ou aconteceram coisas inusitadas. Ou quem sabe o dia em que o céu estava tão bonito que foi impossível não se emocionar.

Teve dia que reencontrei um amigo que não o via havia anos, e fomos conversando e sorrindo durante todo o caminho.

Alguns dias vou me lembrar por ter sido dolorido olhar o céu e as estrelas, e lembrar a minha falecida avó, que sempre apreciava o céu comigo, contando histórias e dando boas gargalhadas.

Teve dia que a viagem foi feita com um nó na garganta e uma vontade de chorar, quando meu coração foi golpeado pela notícia do falecimento de uma amiga. Nesse dia a viagem significou apenas dor, perda e vontade de chegar logo para prestar as últimas homenagens a alguém que eu amava.

Nossos sentimentos se transformam. Amadurecemos e aprendemos a lidar com as perdas com mais coragem. E essa é a beleza da nossa passageira existência: somos seres adaptáveis e sempre podemos tirar algo bom das situações difíceis.

1.5 Paisagens das viagens

Saindo de Paracatu rumo a Uberlândia, observamos uma paisagem típica do cerrado, podendo ser vistas muitas montanhas e inclusive, várias cachoeiras (que podem ser observadas bem pequenas de longe). Alguns trechos da estrada possuem mata fechada, são consideradas perigosos pelo fato de serem estreitos, por não haver acostamento e terem muitas curvas.

As paisagens que vejo estão sempre em modificação apesar de serem os mesmos lugares, as mesmas estradas e os mesmos tipos de vegetação. Mas mudam os horários das viagens, o clima, as estações do ano, a movimentação de veículos, etc.

Além disso, as viagens eram feitas com veículos e pessoas diferentes, que eram possibilitadas através de um grupo de caronas compartilhadas. Costumo pensar que as variações dessas características quando somado ao nosso estado de espírito resultam na exclusividade de uma viagem.

Durante as viagens era costume observar o tempo passar pela janela do carro. No início, tudo era novo, eu queria fotografar tudo. Aos poucos fui direcionando meu olhar observador para registrar o que havia de interessante nas paisagens. Para muitos viajantes são apenas paisagens corriqueiras, quase que podem ser chamadas de cotidianas. Mas o olhar observador atenta-se aos sentidos e deixa de ser um olhar automático. Passa a ser um olhar sensível e reflexivo. Qualquer nuvem com sua silhueta desenhada pelo brilho do Sol torna-se poesia.

No capítulo 3, irei falar melhor sobre o processo de produção dos trabalhos, mas aqui é necessário situar a importância da fotografia durante as viagens, já que os veículos estavam sempre em movimento. Algumas vezes com o vidro fechado, outras com ele aberto.

A figura 5 foi o primeiro registro fotográfico destinado a compor este trabalho e foi tirado de dentro do carro, com o vidro fechado, nota-se pelos tons escurecidos na imagem provocados pela película fixada no vidro. Esta imagem é uma típica paisagem cujas planícies cortam o céu no horizonte. A altura do sol dá sinal de que foi tirada pela manhã.



Figura 5 - Sem título, 2018. Fotografia de celular.

Fonte: acervo pessoal.

A figura 6 é uma série de fotografias que também foram tiradas com um celular em vários momentos de uma mesma viagem. A pista molhada e o céu nublado indica que o dia estava chuvoso. Neste momento comecei a perceber ser interessante inserir detalhes nas imagens que não fossem apenas as paisagens. O interior do carro possui características (dois copos no canto do painel) que estão ligadas ao dono ou a quem esteve dentro do carro recentemente.



Figura 6 - Sem título, 2019. Fotografia de celular (4 fotografias).

Fonte: acervo pessoal.

As características das estradas percorridas variavam: ora mata fechada, montanhas, muitas curvas e sem acostamento como na figura 7. Ora mata aberta, planícies, estrada reta, acostamento nas duas vias como na figura 8. Além disso

muitas vezes as estradas estavam ruins com muitos buracos devido ao grande movimento de carretas.



Figura 7 - Sem título, 2019. Fotografia de câmera.

Fonte: acervo pessoal.



Figura 8 - Sem título, 2019. Fotografia de câmera.

Fonte: acervo pessoal.

A chegada à cidade de Paracatu é feita logo após subir uma serra, fazer uma curva e descer a serra. Desta forma, tem-se o costume entre os viajantes de criar a expectativa quando a serra é avistada, pois se sabe que após a serra já é possível avistar a cidade. Geralmente, quando isso acontece, há uma mútua sensação de alegria pela chegada, que é perceptível nas faces e nas falas dos passageiros. A série de imagens abaixo retrata essa chegada a Paracatu.



Figura 9 - Chegada, 2019. Fotografia de câmera (3 fotografias).

Fonte: acervo pessoal.

De certa forma, as paisagens das viagens fogem do contexto tradicional da leitura de paisagem, pois não tem apenas o caráter contemplativo, mas carrega significados simbólicos de cada viagem que foi realizada, com suas características singulares. As fotografias, portanto, são tentativas de retratar a minha visão como viajante dentro do carro, passando por uma paisagem habitada por rodovias, carros, placas e matas.

No próximo capítulo serão abordadas algumas referências artísticas que me inspiraram durante o desenvolvimento desta pesquisa. Entendo que uma obra não nasce do nada, sempre somos alimentados por imagens e elas se tornam referências para o nosso processo criativo. Desta forma, citarei alguns artistas que trabalham com as temáticas de viagem e deslocamento ou utilizam a linguagem da aquarela para se expressar. No subtópico “Viajando no Instagram” irei apresentar alguns artistas encontrados através do *site* do Instagram, que tem sido uma ferramenta de pesquisa muito usada atualmente.

CAPÍTULO 2 – AS VIAGENS DE OUTROS ARTISTAS

2.1 No ônibus – Mariza Barbosa

Um dos trabalhos que me inspiraram, foi a dissertação de mestrado da Mariza Barbosa de Oliveira, intitulada: “TRÂNSITOS POÉTICOS: PERSPECTIVAS DE AÇÃO ARTÍSTICA NOS TRAJETOS DA CIDADE”. Conheci esse trabalho ainda no terceiro período da graduação, na disciplina Metodologia de Pesquisa em Arte.

A autora usou como temática o trajeto que sempre fazia na sua cidade de Uberlândia, entre sua casa e a universidade que estudava. Ela passou a observar os contrastes entre os pontos de ônibus localizados nos bairros periféricos da cidade e aqueles localizados nas regiões centralizadas. O trabalho trata-se de uma investigação artística no campo urbano, cuja indagação é se os pontos de ônibus podem ser lugares de arte. A autora propõe diversas ações artísticas nos pontos de ônibus e dentro dos transportes coletivos em movimento, dentre elas, destaco “SARDINHA IN TRÂNSITO”.

A ação pretendia lançar uma provocação a respeito da atualização do sistema de transporte coletivo pelos seus usuários, revelando deficiências e situações desagradáveis vividas diariamente pelas pessoas que encontram no transporte coletivo sua única alternativa de deslocamento pela cidade (OLIVEIRA, 2012, p. 65).

A ação artística consistiu em distribuir aos usuários de transporte coletivo objetos personalizados pela própria artista (figura 10), que eram sardinhas enlatadas cujas embalagens foram pintadas com a imagem de vários esqueletos humanos

aglomerados, com a escrita “Sardinha In Trânsito”. A frase tem o intuito de instigar os passageiros a relacionar esses objetos com a situação vivenciada por eles e perceberem a precariedade do transporte público que em determinados horários são lotados de pessoas, que se espremem feito sardinhas em lata. O nome da ação – Sardinha In Trânsito – é intencional e dialoga com o nome da empresa de transporte coletivo da cidade – SIT – Sistema Integrado de Transporte.



Figura 10 - Objeto de uso na ação Sardinha in trânsito

Fonte: OLIVEIRA, 2012, p. 64.

O que aproxima os trabalhos “Trânsitos Poéticos” de “Paisagens em movimento” é o deslocamento, uma vez que ambos se apropriam de percursos realizados pelas autoras, para fazer uma investigação em artes, lançando um olhar sensível a situações cotidianas. Enquanto o primeiro cria formas de subjetivação nos pontos de ônibus e trajetos percorridos entre eles, o segundo busca formas de ressignificar o ato de viajar, através da criação de imagens por meio da fotografia, do desenho e da aquarela.

2.2 Paisagens em constantes mudanças - Beatriz Rauscher

Paisagens do asfalto é um trabalho que também tem relação com esta pesquisa, pois trata-se de fotografias de paisagens tiradas dentro do carro em movimento, durante as viagens que a autora fazia. A autora Beatriz Rauscher, em seu texto “*A paisagem na perspectiva tempo-espaco-máquina*” apresenta algumas imagens que compõe uma coleção de fotografias tiradas desde os anos 2008.

As fotografias reunidas na série Paisagens do asfalto foram recolhidas em estradas que cortam o estado de São Paulo, entre elas, a Rodovia Anhanguera, que descreve uma topografia muito regular da capital até o estado de Minas Gerais. Ali, a rodovia Anhanguera se liga à BR 050, estrada federal que corta o Triângulo Mineiro até o estado de Goiás (RAUSCHER, 2019, p. 65).

As fotografias foram tiradas levando em consideração todas as interferências externas: velocidade, diferentes luminosidades; e internas: manipulação configurações da câmera (baixa velocidade do obturador; várias fotos tiradas sucessivamente) operadas pela própria artista.



Figura 11 - Beatriz Rauscher, BR50 Sul, 2001-2013, 3 fotografias – impressão em metacrilato, 57 x 37,8cm.

Fonte: RAUSCHER, 2019, p. 65.

Na figura 11, a série de fotografias remete ao que temos convencionado como paisagem. Entretanto, possuem características que sinalizam a ação humana: a torre e o bloco de concreto. As viagens possibilitam esse olhar a uma natureza que está constantemente sendo modificada pelo homem. Neste sentido, a artista questiona:

Que espécie de natureza é esta que se mostra pela janela do carro? O resultado de intervenções sucessivas, pelo homem e pela máquina, faz-nos indagar sobre o que resta da natureza nessa paisagem. É possível resgatá-la pelo artifício, reinventá-la (RAUSCHER, 2019, p 66.)?

Essa questão me atravessou várias vezes, onde comecei a buscar outros ângulos para fotografar/filmar detalhes que tornassem as imagens mais interessantes. A figura 12 demonstra isso, pois se trata de uma série de imagens retiradas de frames de um vídeo, que foi gravado em um momento onde o meu olhar estava direcionado para uma “paisagem reinventada”. Através de um simples movimento com a mão que segurava a câmera pude obter outra experiência de visualização de paisagem, a formada por um céu habitado por fragmentos de árvores.



Figura 12 - Sem título, 2018, frame de vídeo (6 imagens).

Fonte: acervo pessoal.

As inquietações de um artista o levam a reinventar as formas de ver o mundo. Diante de tantas transformações nas formas de locomoção, se um dia o artista caminhava buscando referências na natureza ao ar livre para suas pinturas, hoje ele captura suas referências em vários lugares distintos em curto período de tempo, graças às máquinas: o carro, a câmera.

Vemos a paisagem passar, enquanto passamos por ela. Do carro, mesmo sem qualquer aparelho, dominamos e captamos o espaço com nosso olhar, ao mesmo tempo em que ele foge. O que apreciamos pela janela do carro é a paisagem como fenômeno efêmero (RAUSCHER, 2019, p 70).

A figura 11 sintetiza o trecho acima, pois transcreve a sensação de efemeridade das paisagens; a imagem tremida nos leva a imaginar que em poucos segundos ela esteve visível e logo desapareceu da vista. A esse respeito, a autora vai dizer sobre como a manipulação das configurações da máquina possibilitam transmitir a ideia de tempo na fotografia:

Considerando a dimensão da experiência, que se reflete no objeto de arte, observa-se de que modo operações técnicas e arranjos formais podem introduzir as noções de tempo na imagem estática (RAUSCHER, 2019, p. 69).

A sombra das silhuetas dos elementos (figura 13) e a imagem tremida (figura 11) caracterizam o que a autora chama de impermanência. “Quando passamos em velocidade pelas coisas, elas se transformam em espectros, quase não as vemos, dizemos que elas desaparecem rapidamente” (RAUSCHER, 2019, p 69).



Figura 13 - Beatriz Rauscher, *One way trip*, 2009-2017, fotografia - impressão em papel 100% algodão, 30 x 23cm.

Fonte: RAUSCHER, 2019, p. 67.

Além disso, na figura 13 também conseguimos identificar o painel e alguns detalhes do interior do veículo, o que me remete às minhas viagens que aconteciam em variados tipos de veículos. Desta forma, a inserção de elementos do interior do carro colabora com caracterização do cenário da viagem e traz a impressão de que o espectador pode se teletransportar para dentro do carro.

2.3 Andando por fronteiras – Ronaldo Macedo Brandão

Ronaldo Macedo Brandão possui alguns trabalhos que dialogam com a ideia de deslocamento, palavra que vem do verbo deslocar. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (1954, p. 289) entre outras definições, a palavra “deslocar” significa: “tirar do lugar onde estava”. De certa forma, podemos associá-la ao conceito de viajar, pois, ambas as palavras trazem consigo a ideia de mover algo ou alguém para outro lugar.

Um de seus trabalhos, *Defrontar Belfast*, trata-se de uma ação artística produzida durante as viagens que o artista realizou para construir uma série de vídeos documentários. A proposta da ação artística compreende o deslocamento pelas ruas da cidade de Belfast – Irlanda do Norte à procura de muros, cercas e portões que dividem a cidade entre os defensores da república e os favoráveis à coroa inglesa. À medida que os encontrava, o artista caminhava até esses elementos, colocando seu corpo de frente a eles (ação que foi nomeada pelo artista como “defrontar”), e ali ficava por alguns minutos, onde segundo o autor, houve

muita violência no passado (figura 14). A ação foi registrada por meio de uma série de fotografias e uma vídeo-instalação.

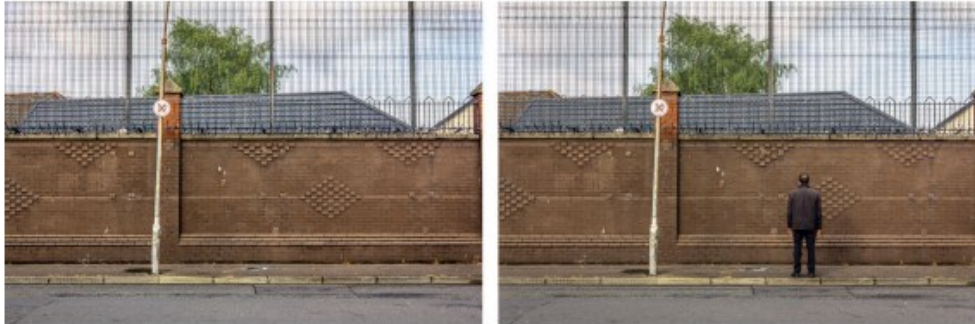


Figura 14 - Fronteiras de Belfast, 2015.

Fonte: BRANDÃO, 2015, p. 130.

Em *Defrontar Belfast*, o artista busca as fronteiras para experienciar com seu próprio corpo um enfrentamento dos elementos físicos que dividem a cidade. Em *Paisagens em movimento*, a experiência da viagem é essencial para o desdobramento do trabalho. Ambos os trabalhos tratam do deslocamento como uma ação que move sua proposta artística. Enquanto um utiliza dos espaços do interior da cidade, o outro utiliza o trajeto entre duas cidades distintas. Além do mais, sabemos que os municípios possuem territórios demarcados, para atravessá-los, passamos por fronteiras que os dividem. Muitas vezes elas não são visíveis, mas sabemos que existem.

2.4 Desenhando viagens – Ieva Ozola

Ieva Ozola³ é uma artista da Letônia que criou uma proposta artística de fazer *sketches* por onde passava. Essa proposta iniciou-se em Julho de 2015 e tratava-se de fazer um desenho diferente todos os dias, em lugares diferentes, independente do local em que ela estivesse. O Projeto⁴ durou um ano e os *sketches* eram fotografados e postados no site do *Instagram* onde os usuários poderiam acompanhar seus trabalhos.

³ No Instagram da artista é possível ver algumas imagens do projeto. Disponível em: <https://www.instagram.com/ievaozolaart/> Acesso em 17 Ago. 2020.

⁴ O projeto está disponível em : <https://soulme.com.br/um-ano-de-sketches-a-arte-de-ieva-ozola/> Acesso em 17 Ago. 2020.

A artista utilizava lápis, caneta hidrográfica e aquarela. Sua ideia uniu arte e viagem, gerando desenhos e aquarelas com uma grande diversidade cromática. As figuras 15 e 16 são dois dos muitos sketches produzidos durante as viagens.



Figura 15 - Ieva Ozola, Aquarela em Sketchbook.

Fonte: <https://zupi.pixelshow.co/artista-registra-viagem-com-um-desenho-por-dia/>. Acesso em 11 de setembro de 2020.



Figura 16 - Ieva Ozola, Aquarela em Sketchbook.

Fonte: <https://zupi.pixelshow.co/artista-registra-viagem-com-um-desenho-por-dia/>. Acesso em 11 de setembro de 2020.

Podemos notar que a dimensão dos trabalhos de Ozola diz muito sobre a proposta de desenhar durante viagens. Todos são feitos em cadernos de pequenos formatos que facilitam o manuseio e propiciam a utilização em qualquer lugar que a artista desejasse parar a fim de fazer seu desenho. As imagens mostradas acima são reproduções fotográficas dos desenhos de lugares, em frente aos lugares em que eles foram feitos. Isso reafirma a presença da artista em cada lugar que parou com o objetivo de registrar sua passagem por ali.

2.5 Viajando no Instagram

Uma das fontes de pesquisa que tem se difundido atualmente e fez parte do meu percurso durante a faculdade foi o acesso ao *Instagram*, que é uma rede social composta principalmente por imagens. Através dessa rede, é possível se conectar com pessoas para compartilhar e ver imagens de diversos tipos de conteúdos, de

acordo com a preferência do usuário. Acessar ao *Instagram* é como se fosse uma viagem: conseguimos ver imagens de pessoas que estão a quilômetros de distância de nós. Dessa forma, conseguimos visualizar imagens feitas a partir de outros olhares e outras culturas, situadas em outras cidades, outros países. Assim, o usuário vai “viajando”, curtindo e salvando imagens, nessa estrada contemporânea chamada internet.

Muitos artistas já aderiram à plataforma como um recurso de divulgação dos seus trabalhos, tendo em vista a facilidade de uso (pode ser acessado nos smartphones) e o grande alcance que o *site* tem. Além disso, o *Instagram* seleciona perfis parecidos com os últimos acessos e aponta-os como sugestão para o usuário visitar, ampliando a diversidade de perfis para visualizar.

Desde que criei uma conta no *Instagram* – no ano de 2014, sempre buscava por referências artísticas, e passei a salvar (existe uma opção em que você salva em pastas as imagens que gosta) imagens que me interessavam, e a partir disso percebi que era uma forma de pesquisa. Decidi então revisitar esses perfis que me interessavam e percebi que a grande maioria era de aquarelistas. Então selecionei imagens que estão disponíveis em alguns *iG's*⁵ que acompanhei durante esses anos, os quais de alguma forma me trouxeram inspiração, seja com apenas um trabalho, seja com o perfil do artista, ou com a temática.

As imagens são *prints* de tela reproduzidas do *Instagram*, e algumas delas não possuem informações completas das obras como tamanho, técnica ou mesmo, o nome do artista. Abaixo segue alguns *iG's* que me interessaram.

➤ **@kalacheveronika**

Este *iG* pertence a Veronika Kalacheva, artista contemporânea que vivem em Moscou, Rússia. Possui imagens dos seus trabalhos e também fotografias cotidianas aleatórias. A figura 17 faz referência a silhuetas de troncos de árvores em tons monocromáticos. Sempre me interessei por imagens construídas por silhuetas, e nesta, a artista constrói uma paisagem fragmentada, dando ênfase nas silhuetas dos troncos e galhos, em tons monocromáticos possibilitando um novo olhar para a

⁵ Significado de *ig*: 1. *iG* significa o nome do perfil, @exemplo que pode ser usado no Instagram, Twitter, Tumblr. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/ig/10703/>, acesso em 16 de agosto de 2020

paisagem. Mas aqui a imagem é feita com pinceladas mais duras e geometrizadas, quase tornando-se uma abstração.



Figura 17 - Imagem postada no perfil do Instagram de Veronika Kalacheva.
 Fonte: <https://www.instagram.com/p/Borha5lhTPF/>, acessado em 04/08/2020.

➤ **@renatopalmuti**

Renato Palmuti é aquarelista, ilustrador e designer brasileiro. Seus trabalhos apresentam grande diversidade temática. Escolhi esta paisagem – figura 18, pois é uma cena de várias casas no campo, que me remete a alguns trechos das minhas viagens, onde havia casarios perto da margem da rodovia. A mesa envolta por cadeiras, no primeiro plano leva-nos a pensar que ali repousa alguém nas horas vagas, e transmite sensação de sossego e tranquilidade, características típicas das cidades do interior de Minas Gerais.



Figura 18 - Imagem postada no perfil do Instagram de Renato Palmuti.
 Fonte: <https://www.instagram.com/p/CB00JkHJLK/>, acessado em 04/08/2020.

➤ **@anna_pole**

Anna Pole, aquarelista e ilustradora russa também utiliza sua página no *Instagram* para postar seus trabalhos, sendo eles a maioria floral. Dentre suas ilustrações, encontrei as figuras 19 e 20 abaixo, ambas remetem ao ato de viajar. A figura 19 é uma bicicleta com detalhes (chapéu e cesta com flores) que dizem respeito ao gosto do dono. Além disso, a bicicleta é um meio de locomoção que possibilita outro tipo de experiência de deslocamento entre dois lugares distintos. O recorte que a autora escolheu para enquadrar o trabalho sugere um ângulo em que o próprio viajante registrara o momento em que coloca a bicicleta na estrada. Já a imagem 20 é a própria estrada, cercada por árvores, um caminho que indica uma possível viagem para a zona rural.

As imagens desse *iG* são fotografias compostas não só pelo trabalho final, mas pelo espaço de produção da autora, e os materiais que foram utilizados. Muitos artistas utilizam esse recurso como estratégia para postar seus trabalhos no *Instagram*, e eu acredito que isso enriquece a imagem, pois aproxima o fazer artístico de quem está visualizando.



Figura 19 - Imagem postada no perfil do Instagram de Anna Pole (1).

Fonte: <https://www.instagram.com/p/B0-nomLBori/>, acessado em 04/08/2020.



Figura 20 - Imagem postada no perfil do Instagram de Anna Pole (2).

Fonte: <https://www.instagram.com/p/ByAoIStHR-af/>, acessado em 04/08/2020.

➤ **@carcamo.aquarela**

Este *iG* pertence ao artista plástico e ilustrador Gonzalo Cárcamo, natural do Chile e morador do Brasil desde 1976. Dentre suas obras, me chamou atenção a

figura 21, pois me lembra as estradas das viagens entre Paracatu e Uberlândia. É como se eu tivesse no carro olhando o trajeto pela visão do passageiro no banco da frente. Observando cada curva, cada montanha e o movimento da estrada.

A forma como os faróis dos veículos que estão vindo se reflete no asfalto remete ao aspecto molhado durante a chuva. É possível ver dois animais no canto direito da imagem, que me traz um incômodo, como se a qualquer momento eles fossem atravessar a estrada na frente dos carros, algo possível de se acontecer também nas estradas entre Paracatu e Uberlândia, em alguns trechos de mata fechada e rodovia estreita sem acostamento. Para fazer a representação da natureza nas margens da rodovia, o artista usa o recurso de manchas escuras variando os tons verdes e terrosos. A imagem parece ter acontecido durante uma ultrapassagem de veículos.

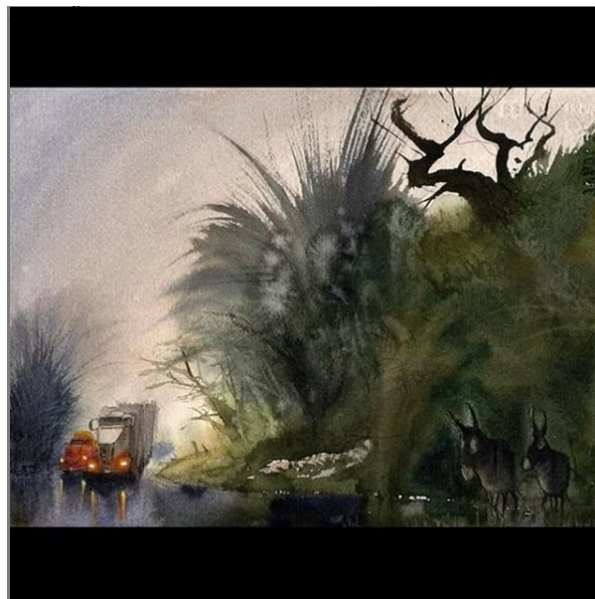


Figura 21 Imagem postada no perfil do Instagram de Gonzalo Cárcamo.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/BhZ7-p6lJ61/>, acessado em 04/08/2020.

➤ **@agnes_cecile**

Silvia Pelissero, conhecida como Agnes Cecile é uma artista italiana que tem muitos trabalhos em aquarela. Foi uma das primeiras aquarelistas que eu conheci e desde então me apaixonei pela técnica. Seus trabalhos são em grande maioria a expressão de pessoas, juntamente com elementos botânicos, como na figura 22. Porém, ela também possui trabalhos com outras temáticas, como é o caso da figura 23. Esta representa duas crianças caminhando por uma estrada, sendo que uma delas está empurrando uma bicicleta, o que nos leva a indagar onde elas estariam

indo nesta estrada sem movimento. Digo isso no século XXI, cuja noção de deslocamento é muito marcado pelo medo e insegurança, uma vez que o ato de caminhar pelas ruas em nossa geração tem significados diferentes das décadas passadas. Se antes era normal as pessoas caminharem por quilômetros nas roças sozinhas e não se preocuparem com a segurança, hoje em dia esse se pensamento modificou.

Por outro lado, por mais que a imagem 23 produz esses questionamentos sobre as personagens que compõe a cena, ela nos passa uma sensação de tranquilidade pelo fato da estrada estar bem iluminada. As cores frias que foram utilizadas também contribuem para essa percepção.



Figura 22 - Imagem postada no Instagram de Agnes Cecile.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/BpM-9QRAo01/>, acessado em 04/08/2020.



Figura 23 - Imagem postada no Instagram de Agnes Cecile.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/B1TTY9qoojs/>, acessado em 04/08/2020.

No próximo capítulo serão abordados os processos de criação dos trabalhos autorais, serão exibidas as imagens resultantes da pesquisa e também as fotografias da exposição dos trabalhos.

CAPÍTULO 3. AS MINHAS VIAGENS

3.1 Devaneios

Associo a minha vida a uma viagem: é como um trajeto que percorro, que às vezes é um tanto inusitado. Nem sempre é como eu imagino, mas entender que existem imprevistos e saber lidar com eles é essencial. Muitos deles nos fazem ir por

outros caminhos. Alguns imprevistos adiam a chegada ao destino final. Por outro lado, nos fazem fugir da rota e traz consigo a oportunidade de conhecer outros caminhos que também possibilitam a chegada.

Existem aqueles encontros singulares entre viajantes que trocam experiências e, às vezes, criam laços de amizade. Alguns mais introspectivos outros mais extrovertidos. O som do carro sempre está ligado, tocando músicas ou mesmo tocando a rádio. Sempre com volume baixo, para quebrar o silêncio entre os viajantes, evitar que o sono chegue ao motorista, mas com o cuidado de não incomodar a quem queira descansar ou dormir.

O curto prazo das viagens (considerando toda uma vida que se leva para fazer amizades) raramente permite criar vínculos fortes, mas possibilita o conhecimento de uma pequena parte das pessoas: aquela que elas escolhem nos revelar. Possibilita também a troca entre personalidades e culturas diferentes. É interessante perceber como nos deparamos com todos os tipos de pessoas: algumas iniciantes (ingressantes na faculdade ou estudantes de cursinhos pré-vestibular), outras já acostumadas com a vida de viajantes, que “fazem o trecho” toda semana. E cada uma tem uma leitura de mundo diferente.

Segundo Bondia (2002, p.2), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece o que nos toca”. Cada viagem nos toca de maneira diferente. Apesar das viagens de ida e volta acontecerem nas mesmas estradas (BR-040 e BR-050), a experiência da viagem modifica-se considerando o ponto de partida e o ponto de chegada. Ou seja, esse deslocamento modifica o olhar conforme a direção.

Por exemplo, chamando de “*trajeto A*” a viagem com sentido Paracatu-Uberlândia, e de “*trajeto B*” a viagem com sentido Uberlândia-Paracatu, o *trajeto A* carrega a ideia de progresso, busca pelos objetivos, onde há um deslocamento do lar aconchegante do interior para o tumulto da cidade grande. Já o *trajeto B* traz consigo a ideia de retrocesso, da civilização para o interior, mas ao mesmo tempo, é a volta para o aconchego do lar, para o refúgio emocional, lugar de descanso físico e psicológico. Parece-me que o trajeto B sempre é mais demorado do que o trajeto A, já que a espera pela chegada é mais ansiosa. Tudo depende de um ponto de vista. E meu processo de criação advém desse ponto de vista de uma estudante viajante caroneira, portando câmera, papel e celular em mãos para registrar suas viagens.

Outra modificação pode ocorrer conforme o estado de espírito do viajante, se estiver triste um olhar, se estiver alegre outro olhar sobre a mesma paisagem, se estiver cansado vê-se de um jeito, se estiver descansado vê-se de outro.

3.2 Processos criativos

A ideia deste trabalho, como já foi dito no primeiro capítulo, nasce a partir de uma viagem rotineira. Algo tido como uma prática comum entre os estudantes, agora passou a ser explorado como temática de pesquisa. A viagem entre Paracatu e Uberlândia (aproximadamente 340 km) era usada como um momento para pensar, criar, e planejar formas de elaboração do trabalho, e, pode ser vista - de forma subjetivada – como um caderno de esboços, já que durante as viagens eram feitos registros escritos, fotográficos e videográficos, que, posteriormente, eram desdobrados em desenhos e aquarelas.

Paisagens em Movimento surge primeiramente no formato de rabiscos, como nas figuras 24 e 25, anotações soltas sobre as estradas e a representação do que as viagens significavam no momento. Características que alternavam entre a descrição e a subjetivação.

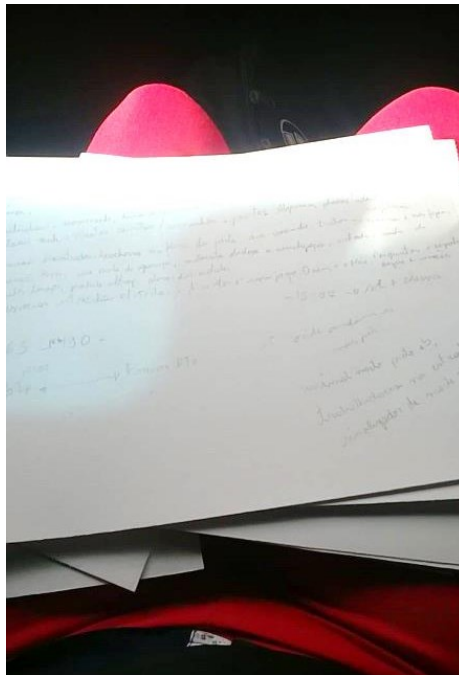


Figura 24 - Registros dentro do carro, 2019.

Fonte: acervo pessoal.

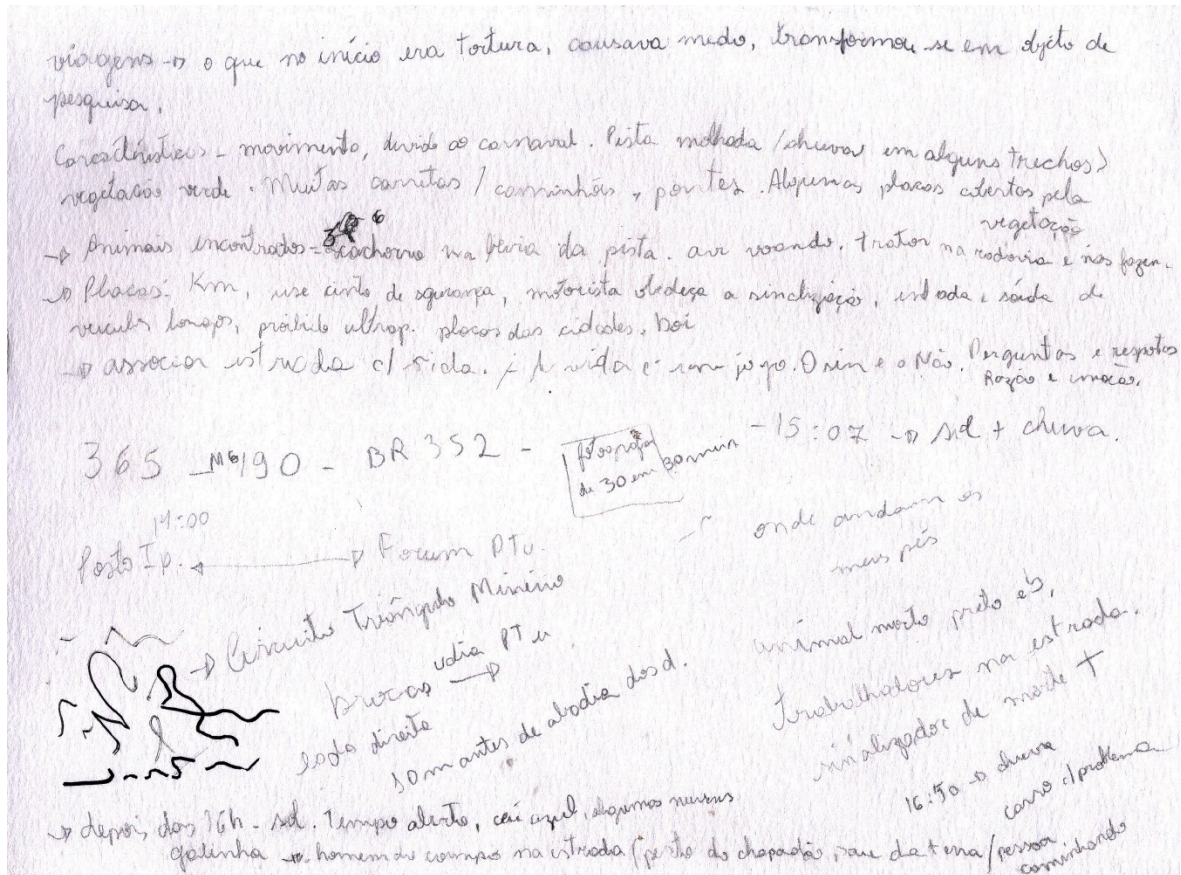


Figura 25 - Rabiscos dentro do carro, 2019.

Fonte: acervo pessoal.

A figura 25, escrita em papel se contrasta com a figura 26, cujos rascunhos foram feitos no aplicativo de nota do celular, que era o que eu tinha disponível nesta viagem.

A experiência de registrar em palavras as ideias permeia o papel e a tecnologia, ambos me auxiliando em um mesmo objetivo, de formas diferentes. Enquanto a figura 25 se prende a detalhes mais objetivos e descritivos, na figura 26 (apesar de também haver a escrita descritiva), são observados detalhes mais pontuais da estrada, que me chamaram a atenção e foram transformados em textos de forma subjetiva.

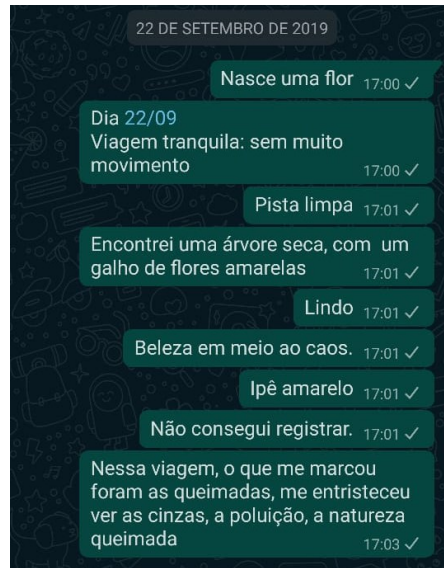


Figura 26 - Nota de celular, 2019, *print de tela*.

Fonte: acervo pessoal.

O ato de escrever o que se observa e o que nos toca é algo que ajuda muito na memória do trabalho e no desenvolvimento de ideias. Meus processos criativos têm na escrita uma forma de externar os pensamentos e sentimentos. Através dela procuro organiza-los da melhor forma.

Além da escrita, a fotografia também faz parte do meu processo criativo durante as viagens, onde tomei como costume estar com o celular ou a câmera sempre em mãos para registrar o que achasse interessante. No início o meu desejo era fotografar tudo, de todos os ângulos possíveis e não perder nada, o que era impossível. Aos poucos fui entendendo a importância de filtrar as imagens que mais me interessavam. A partir das fotografias, surge o desejo e a necessidade de ressignifica-las por meio de desenhos e aquarelas.

Como podemos observar, este trabalho contém diversas linguagens se misturando no desenvolvimento do todo. Enquanto a fotografia cumpre papel de registro e memória, o resultado final é o desenho e a aquarela. Esta foi escolhida por ser uma das técnicas que mais aprecio dentro do campo das Artes, por isso ganhou grande espaço durante a construção do trabalho.

A primeira série de imagens foi feita em pequenos formatos, utilizando lápis, aquarela e caneta nanquim. Experimentações para mapear as composições e cores que poderiam ser utilizados. Aos poucos fui selecionando melhor as paletas e formas. A figura 27 foi o primeiro experimento que fiz, utilizando papel sulfite, aguada e nanquim. Logo após seguem os meus outros experimentos artísticos.



Figura 27 - Sem título, 2019, aguada e nanquim sobre papel, 10,3 x 15,2cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 28 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 19 X 12,8cm.
Fonte: acervo pessoal.

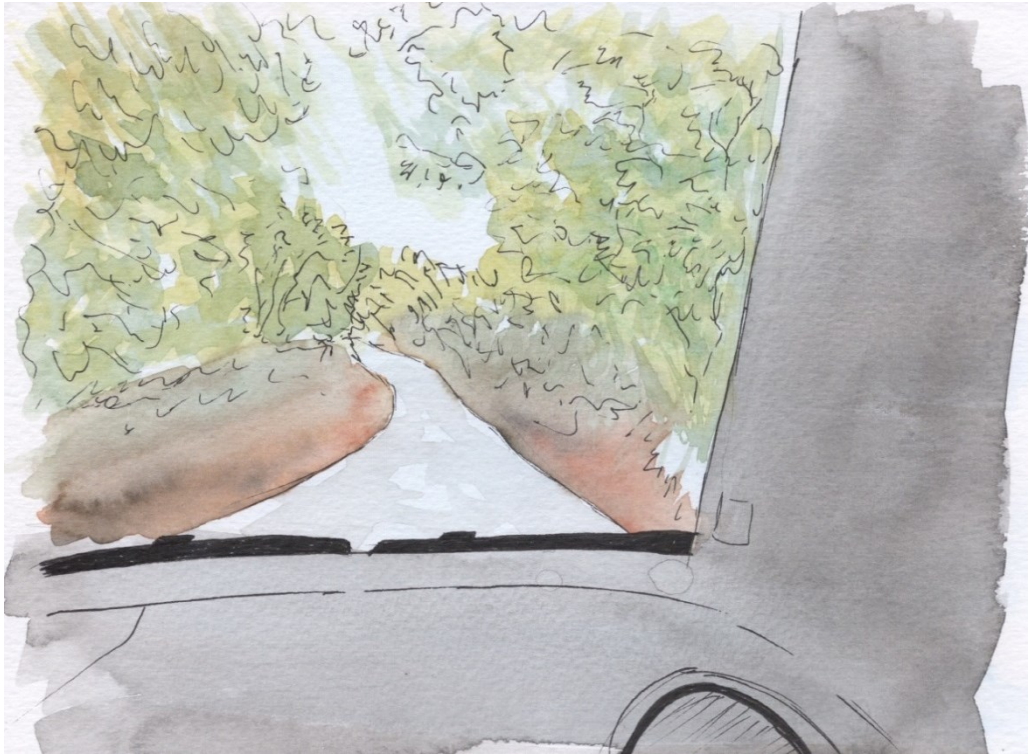


Figura 29 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.
Fonte: acervo pessoal.

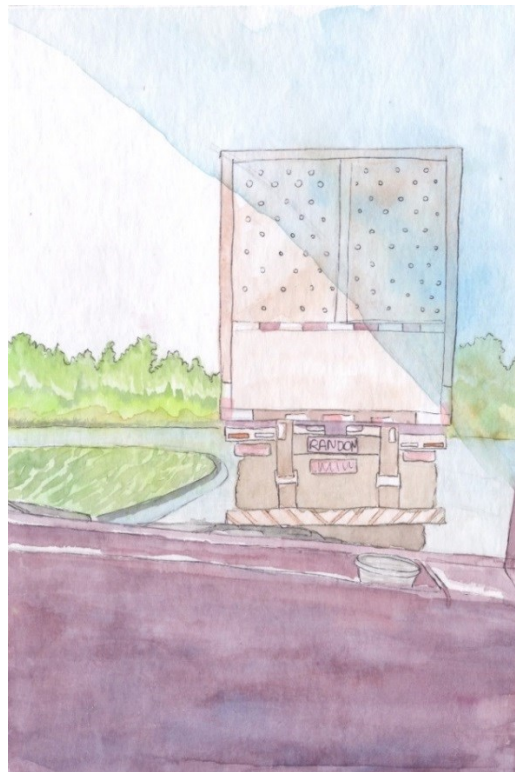


Figura 30 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.
Fonte: acervo pessoal.

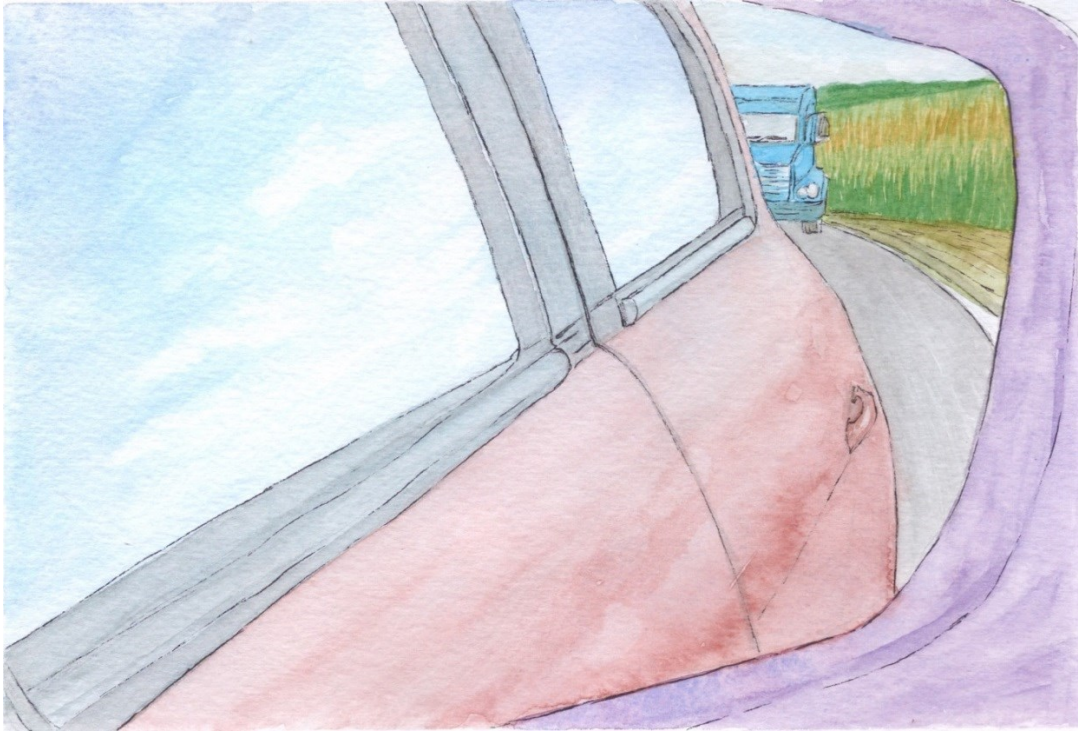


Figura 31 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.
Fonte: acervo pessoal.

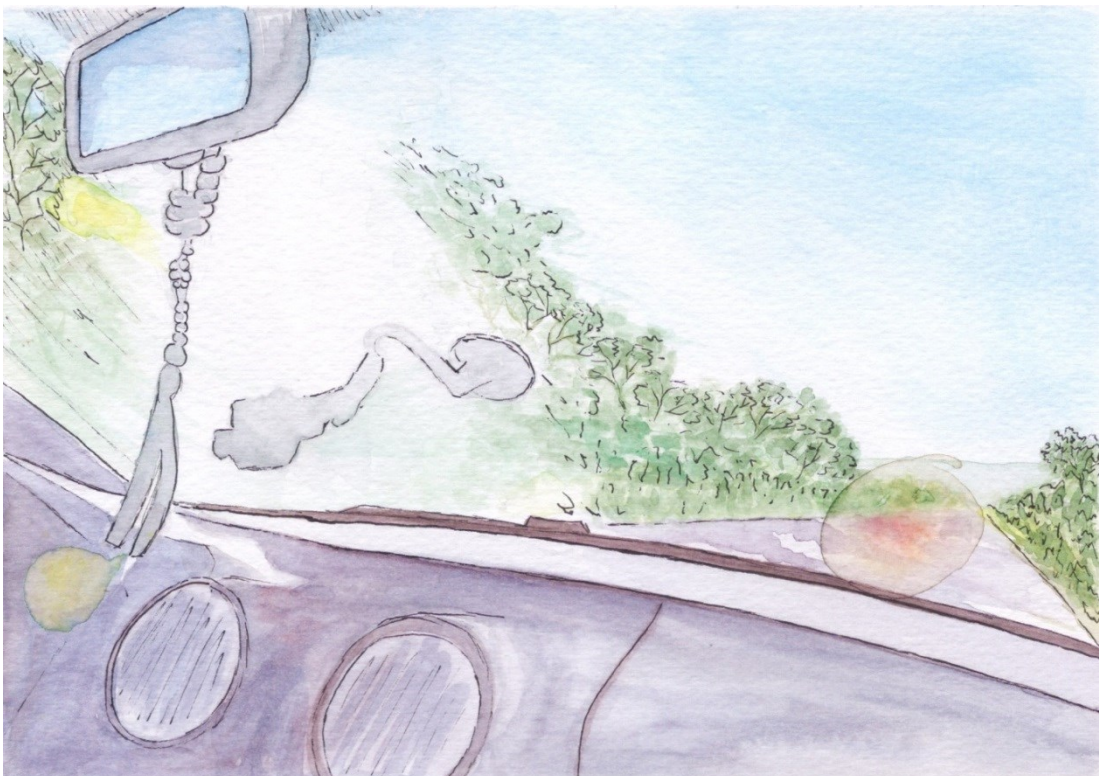


Figura 32 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 33 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 34 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.
Fonte: acervo pessoal.

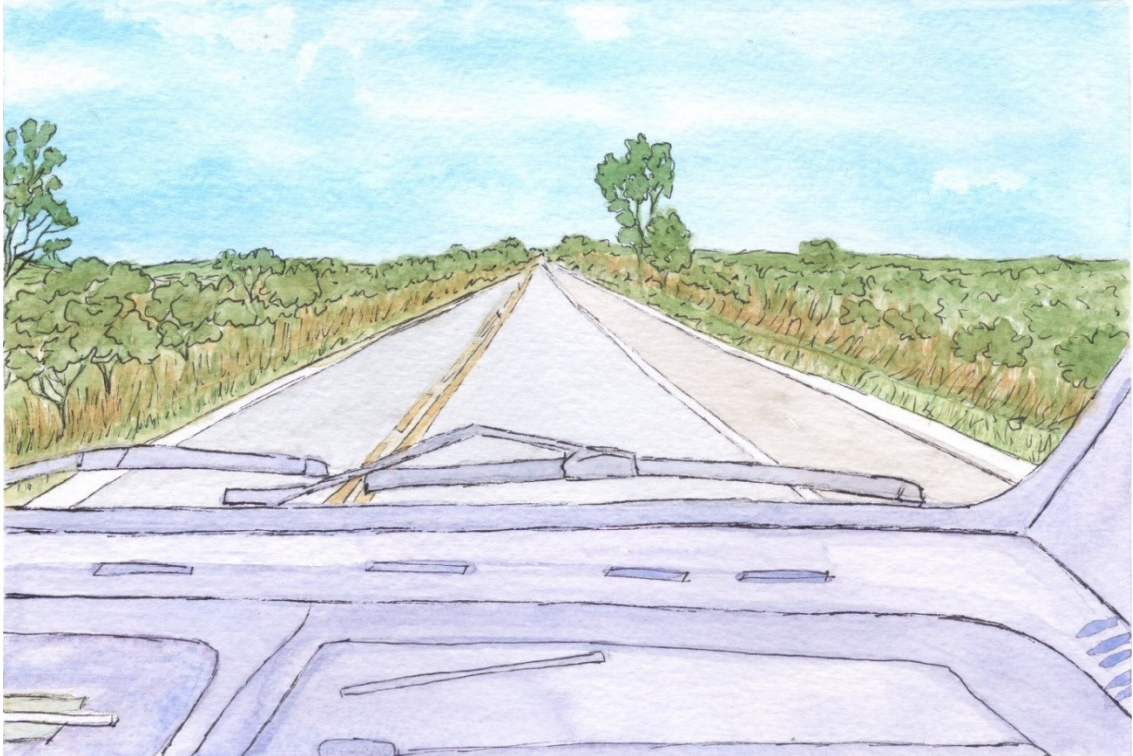


Figura 35 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 36 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 37 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 38 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 39 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 40 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 41 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 19 X 12,8cm.

Fonte: acervo pessoal.

Após fazer essa série de imagens, meu olhar desejou ver algo mais. Foi então que revisei alguns vídeos feitos com a câmera. Vi neles a possibilidade de desenvolver uma nova série que tivesse algo de diferente. Os vídeos foram feitos com a câmera virada para o céu, na lateral da estrada de forma a capturar as nuvens e os vestígios de árvores que por elas passeavam. O vídeo foi dividido em frames e surgiu uma série de imagens (figura 12) que já foi mostrada no capítulo 2. Foi aí que nasceu a primeira série de aquarelas (figura 42 a 47) que, posteriormente, nomeei como “Viagem pelo céu”.

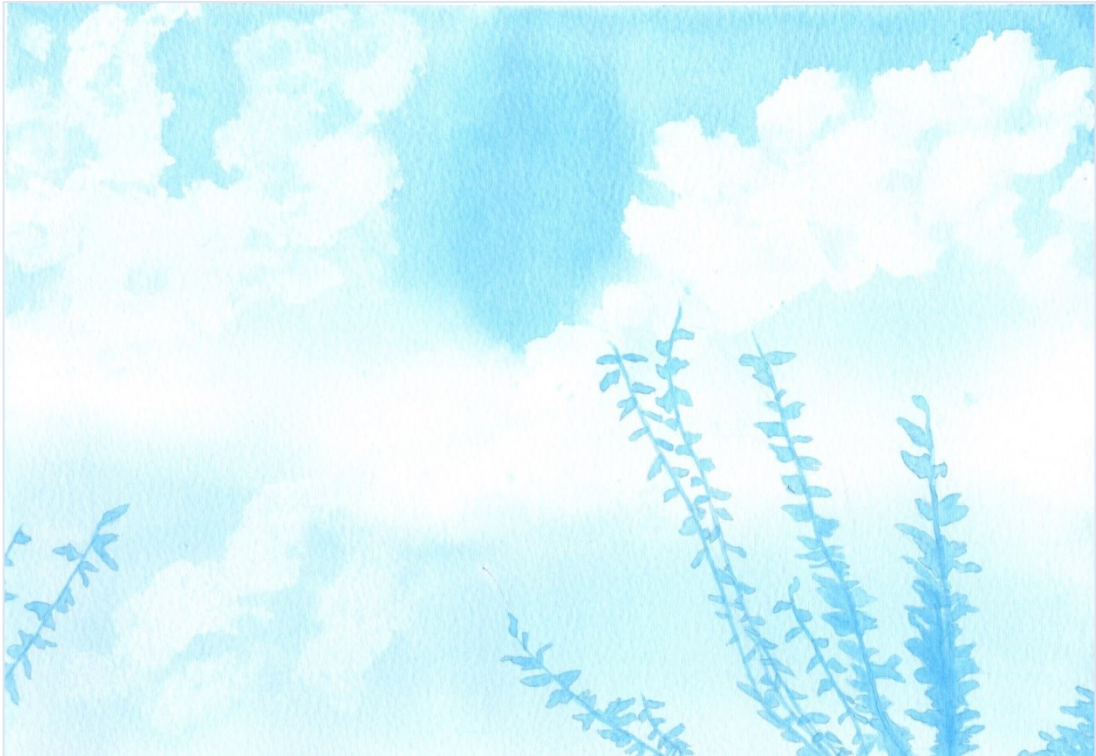


Figura 42 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 43 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.

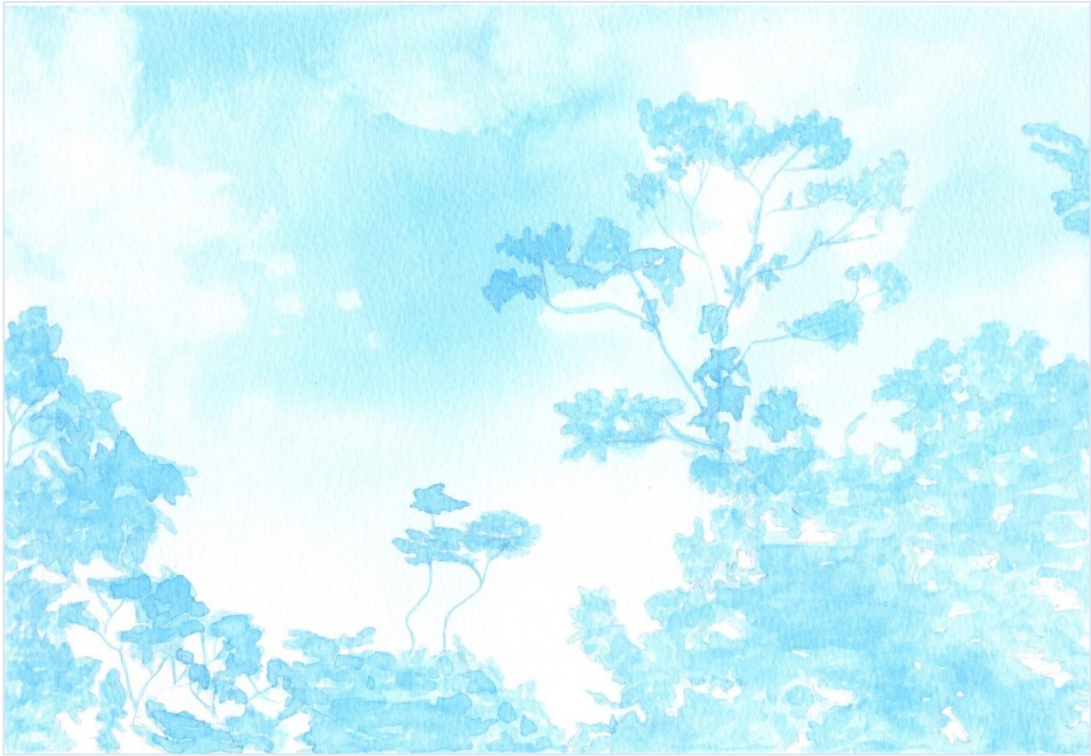


Figura 44 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.

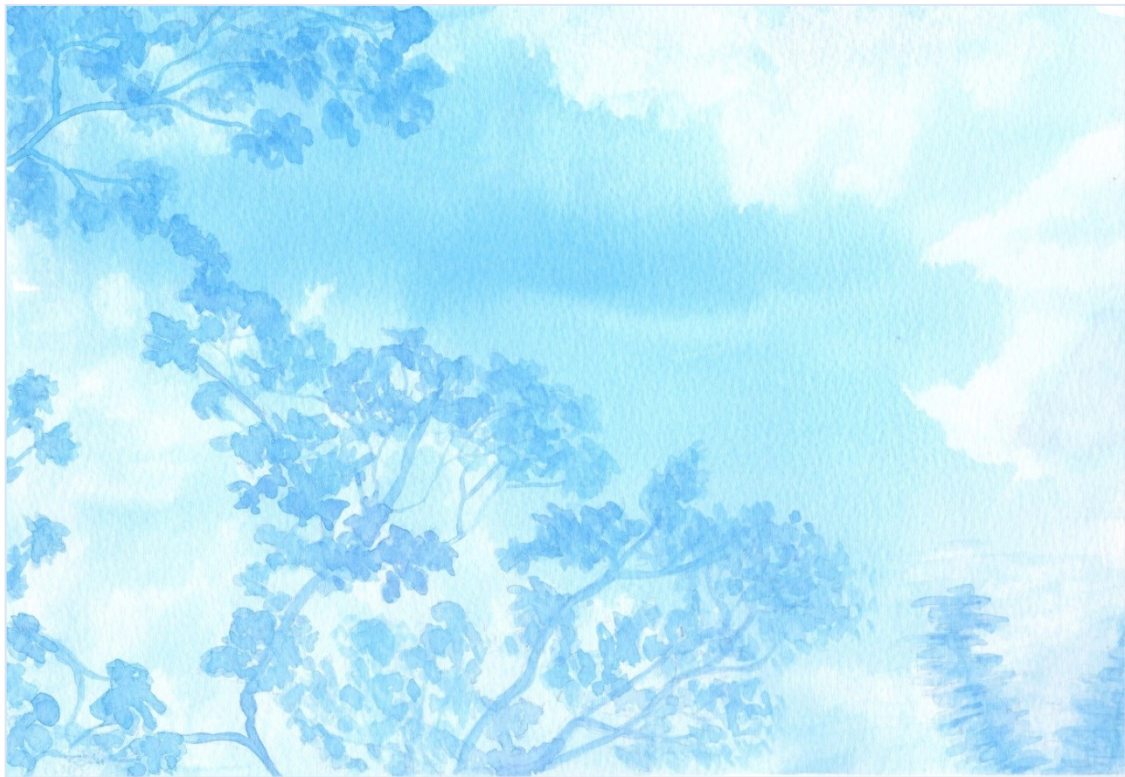


Figura 45 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.

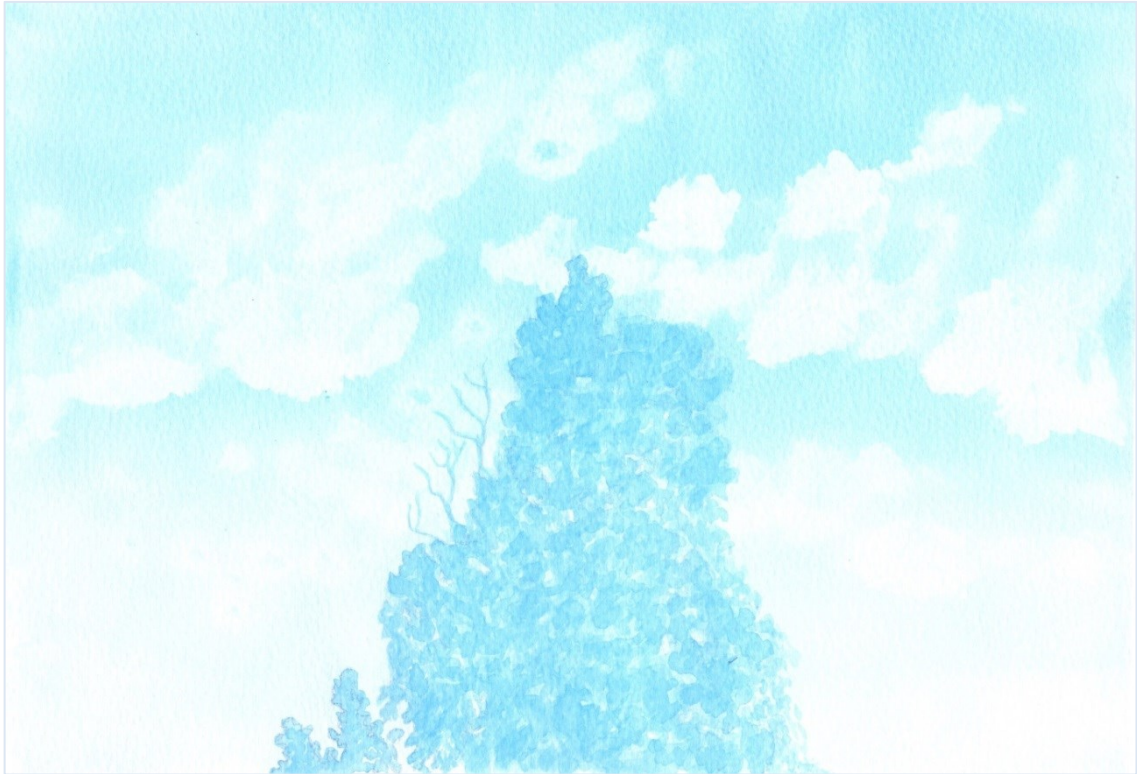


Figura 46 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 47 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.

Essa série azul, mostrada anteriormente, me agradou muito, as nuvens, a monocromia e os galhos pairando pelo céu. Após concluí-la, decidi continuar a experimentação utilizando a mesma técnica em outras cores, o que resultou em mais uma série composta por cinco trípticos nas respectivas cores: amarelo ocre (figura 48 a 50), vermelho carmesim (figura 51 a 53), terra de siena (figura 54 a 56), verde (figura 57 a 59) e azul intenso (figura 60 a 62).



Figura 48 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 49 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 50 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 51 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 52 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 53 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.

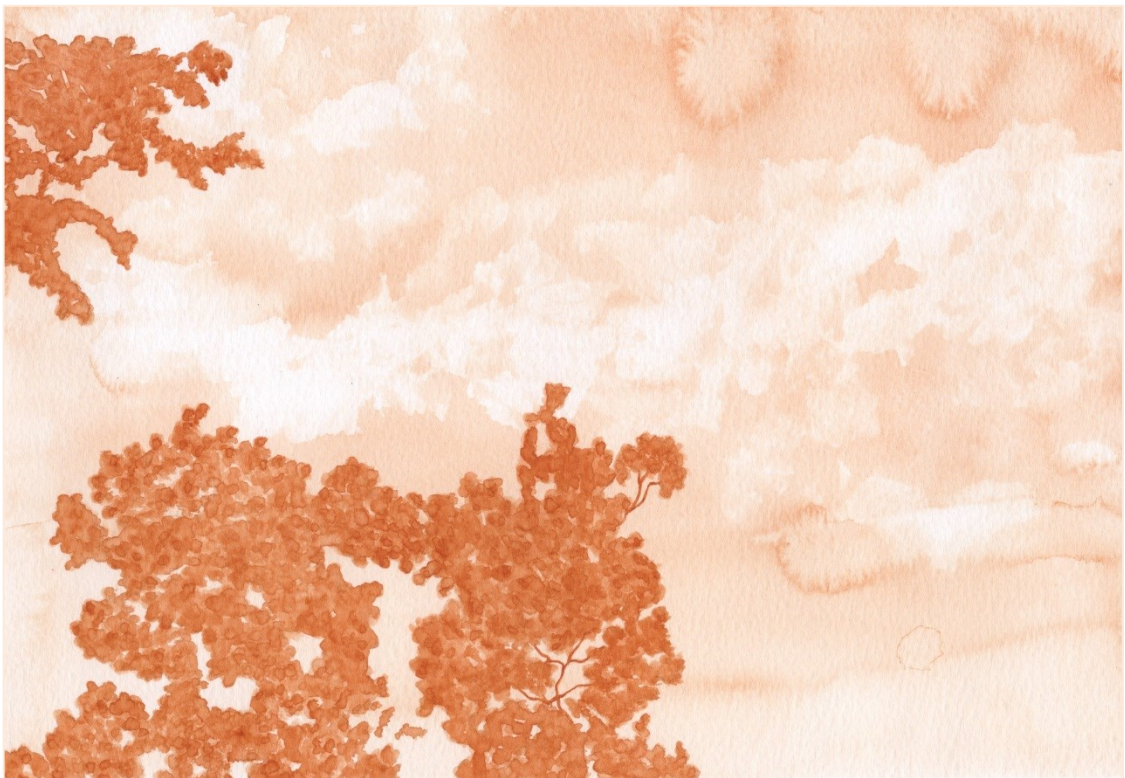


Figura 54 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 55 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 56 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 57 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 58 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 59 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.

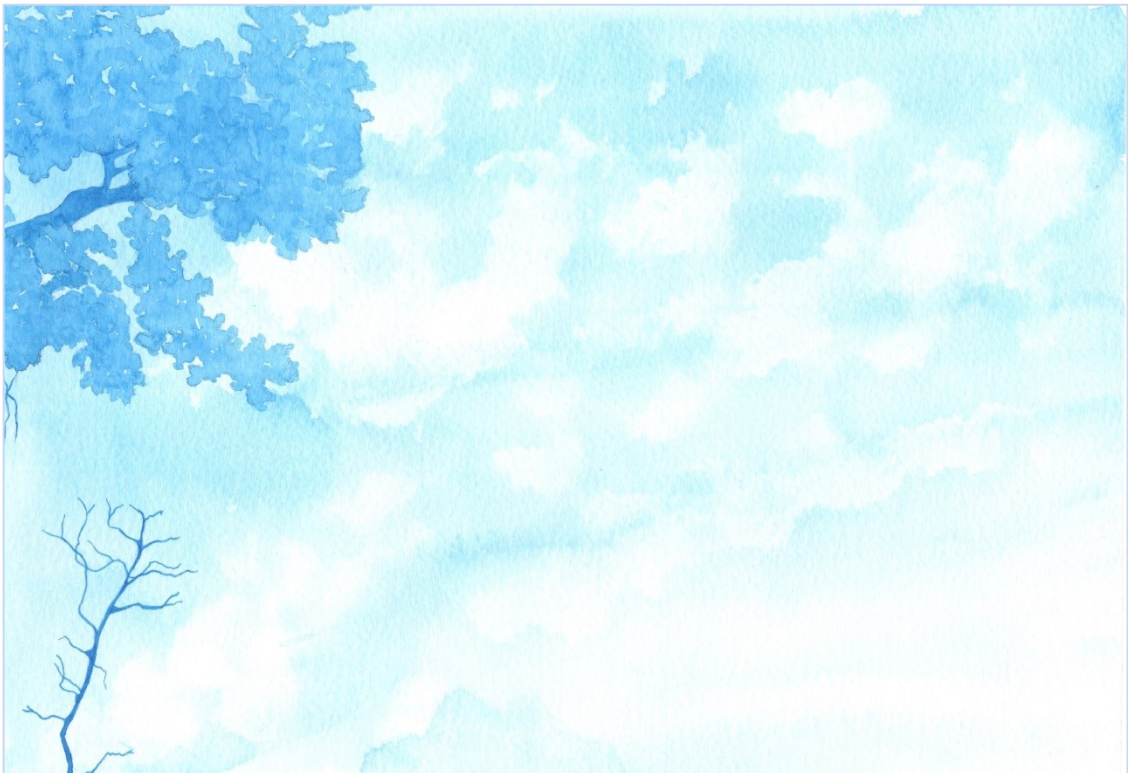


Figura 60 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 61 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.

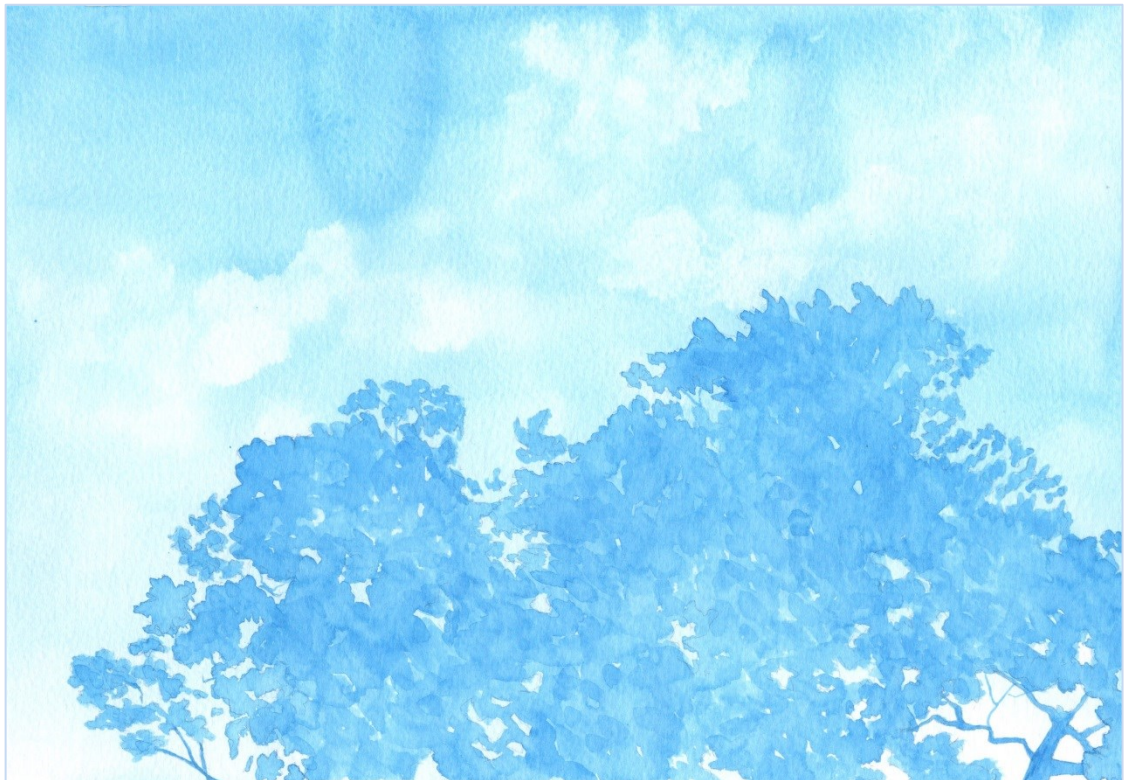


Figura 62 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 27,7 X 19 cm.
Fonte: acervo pessoal.

Após ter finalizado essa série, senti o desejo de fazer algo que tivesse a ver com as paisagens secas e queimadas de setembro, que tanto me incomodou ver, como foi mostrado na figura 26, em anotações do bloco de notas do celular. Também senti vontade de expandir o formato. Dessa forma, nasceu a série nomeada como “Setembro”, composta pelas três imagens que se seguem (figura 63 a 65).



Figura 63 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 27,8 X 39,7cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 64 - Sem título, 2019, aquarela sobre papel, 62,9 X 45,9cm.

Fonte: acervo pessoal.

O trabalho acima (figura 64) para mim foi o mais desafiador, pois me encorajei a experimentar um formato maior do que eu já havia costume. Trabalhar com grandes formatos exige mais paciência e agilidade ao mesmo tempo. A técnica de aquarela em si, tem como característica sua falta de controle, já que a tinta se espalha e seca rapidamente. Nos grandes formatos então, isso se torna um grande desafio. Mas a experimentação foi de grande valia, pois, o grande formato também permite uma liberdade de explorar o espaço e expandir a mancha e o traço.

As figuras 63 e 65 retratam os trabalhos que foram muito prazerosos de serem feitos, pois o tamanho médio possibilitava um maior espaço de criação ao mesmo tempo não era tão grande a ponto de assustar. Busquei fazer um fundo mais fluido em degradê e, por cima, trabalhar com os galhos de árvores utilizando o nanquim.



Figura 65 - Sem título, 2019, aquarela e nanquim sobre papel, 27,8 X 39,7cm.
Fonte: acervo pessoal.

3.3 Exposição: Paisagens em Movimento

Para concluir essa pesquisa, foi realizada uma exposição denominada “Paisagens em Movimento”. Ficou disponível para visitação entre os dias 18 e 22 de novembro de 2019, no Laboratório Galeria (UFU). A experiência foi muito enriquecedora, pois permitiu pensar em formas expositivas que melhor se apropriassem para os formatos dos trabalhos que seriam expostos, além de possibilitar a troca de ideias entre as pessoas. Abaixo seguem algumas fotos da exposição.



Figura 66 - Título da exposição, 2019, impressão em papel adesivo, 42x29,7cm.

Fonte: acervo pessoal.



Figura 67 - Exposição "Paisagens em Movimento", 2019, Laboratório Galeria (UFU).
Fonte: acervo pessoal.

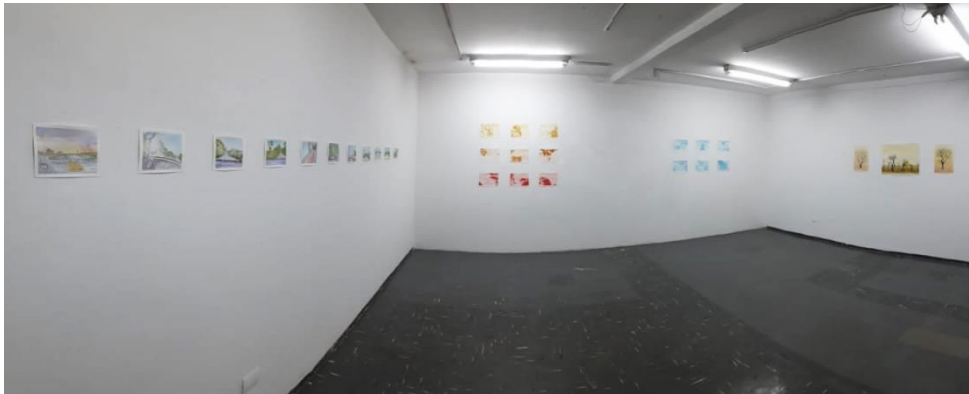


Figura 68 - Panorâmica da galeria expositiva, 2019, Laboratório Galeria (UFU).
Fonte: acervo pessoal.

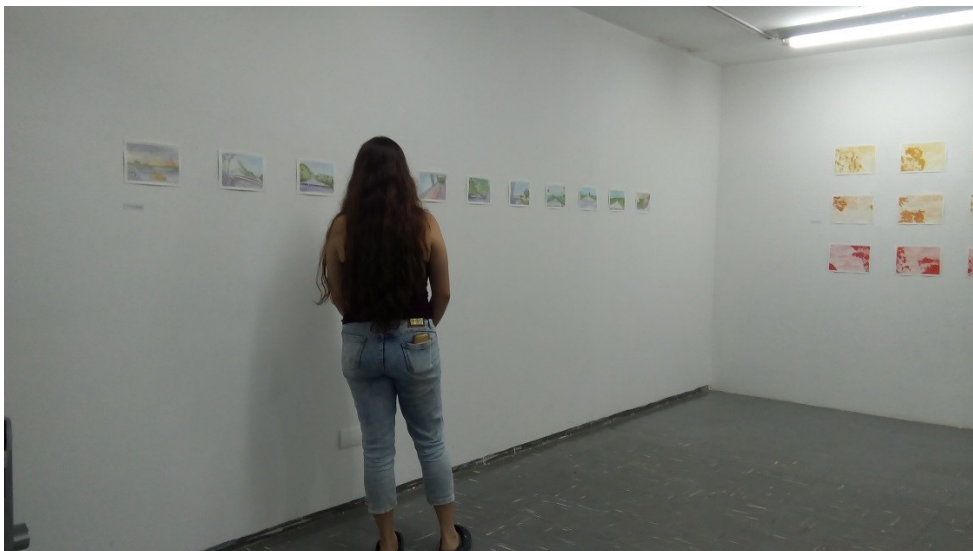


Figura 69 - Exposição "Paisagens em Movimento", 2019, Laboratório Galeria (UFU).
Fonte: acervo pessoal.



Figura 70 - Exposição "Paisagens em Movimento", 2019, Laboratório Galeria (UFU).
Fonte: acervo pessoal.



Figura 71 - Série "Pela janela do carro", 2019, aquarela e nanquim sobre papel.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 72 - Série "Vestígios", 2019, aquarela sobre papel.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 73 - Série "Viagem pelo céu", 2019, aquarela sobre papel.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 74 - Série "Setembro", 2019, aquarela e nanquim sobre papel.

Fonte: acervo pessoal.

A exposição é algo muito importante da prática artística, pois além de propiciar a exibição de nossas ideias ao mundo, é um momento de romper com as inseguranças que muitas vezes sentimos ao mostrar algo que é tão nosso. O processo envolve desde a produção, montagem, divulgação e a mostra. Dessa forma conseguimos ter a experiência dos vários lugares que o artista pode ocupar, compreendendo melhor a nossa prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso, inicialmente, busquei entender como surgiram as primeiras viagens na história e como eram realizadas. Foi desafiante encontrar bibliografia que abordasse a história das viagens, por ser escrito em uma época de pandemia (Universidades fechadas), também tive menos acesso a materiais físicos. Entretanto, todo o material que tive acesso foi essencial para a elaboração da escrita.

Escrever e fotografar dentro do carro foi desafiante em algumas ocasiões - quando o carro estava cheio de passageiros no banco de trás e qualquer movimento poderia incomoda-los. Entretanto, os registros das minhas próprias referências imagéticas possibilitou criar uma memória do trabalho, essencial para explorar a criação de imagens em outros meios.

Buscar referências me permitiu perceber que os artistas têm a viagem como uma prática constante e inspiradora, e muitos deles possuem trabalhos dentro da temática das viagens, com as mais variadas linguagens artísticas.

A partir de reflexões, rascunhos e registros em fotografia e vídeo, foram elaboradas imagens para ressignificar as viagens e representa-las através das linguagens da aquarela e do desenho. Ao final do trabalho pude realizar uma exposição como resultado da pesquisa. A experiência expositiva veio a agregar a minha formação, possibilitando exercitar o pensamento para a montagem. Permitindo compartilhar com outras pessoas as minhas ideias, bem como entender outras formas de enxergar os meus trabalhos.

Em minha pesquisa, tudo parte de imagens capturadas de forma rápida, dentro do carro em movimento utilizando câmera fotográfica ou celular. Mas os desenhos e as aquarelas são feitos em um ritmo e planejamento minucioso. A espera dos pigmentos em água secar, o contemplar os resultados, o recomençar. A experiência de lidar com o papel, o pincel, as formas, as cores e os sentimentos, pois cada imagem de uma paisagem aquarelada traz algo de um relato das minhas experiências das viagens.

Após a construção deste trabalho, as viagens que faço são sempre lembradas como se fossem referências para *Paisagens em Movimento*. Nas estradas, dentro do carro fico pensando em maneiras de representar as paisagens. O vídeo é uma linguagem que gostei de explorar, talvez, em outro momento possam ser

desdobrados em outras viagens e em outras circunstâncias. Por enquanto, seguimos com apenas o desejo de voltar a viajar com a liberdade que tínhamos antes.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002. Coleção ABC do Turismo.

BELLUZZO, Ana Maria. **O viajante e a paisagem brasileira**. PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais, [S.l.], v. 15, n. 25, out. 2009. ISSN 2179-8001. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/10514/6156>>. Acesso em: 11 set. 2019. doi: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.10514>.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

BRANDÃO, Ronaldo Macedo. **Fronteiras, Corpos e Deslocamentos: Poéticas Visuais e Espaços Limites**. 2015. Tese (Doutorado em Arte e Design) – Universidade do Porto, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/143408086.pdf> .

"**viagem**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/viagem> [consultado em 21-11-2019].

INFOESCOLA. **Nomadismo**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/nomadismo/>. Acesso em 21 Jun. 2019.

JOHANN Moritz Rugendas. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa707/johann-moritz-rugendas>>. Acesso em: 20 de Abr. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

MINDLIN, José E. **Viajantes no Brasil: viagem em torno de meus livros**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 35-54, jul. 1991. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2316>>. Acesso em: 12 Set. 2019.

MOREIRA, Bruno & Gusmão [2019?]. **OS RELATOS DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS NO BRASIL OITOCENTISTA: POSSIBILIDADES HISTORIOGRÁFICAS**. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/bruno_alessandro_gusmao_moreira.pdf>. Acesso em: 19 Set. 2019.

OLIVEIRA, Mariza Barbosa de. **Trânsitos poéticos: perspectivas de ação artística nos trajetos da cidade**. 2012. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12298/1/d.pdf>>.

RAUSCHER, Beatriz Basile da Silva. **A paisagem na perspectiva tempo-espaço-máquina**. PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v.9, n.17: mai. 2019. Disponível em: <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>.

SÓHISTÓRIA. **As grandes navegações.** Disponível em:
<<https://www.sohistoria.com.br/ef2/navegacoes/>> Acesso em 21 Jun. 2019.

XIMENES, Sergio, Dicionário da língua portuguesa. 3ed. rev. e ampl. São Paulo: Ediouro, 2001. 908p.